SILVA PINTO — Á HORA DA LUCTA — 400 RÉIS

SILVA PINTO

Á HORA DA LUCTA

1872

Quel est son crime? — Le Droit.
VICTOR HUGO.

LISBOA
IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES
65 — Rua da Atalaia — 67
1872

SILVA PINTO

Á HORA DA LUCTA

1872

Quel est son crime?
Le Droit.
VICTOR HUGO.

LISBOA
IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES
65—Rua da Atalaia—67
1872

AOS CRENTES

EXPLICAÇÕES

Estamos entre dois mundos: um mundo de mentira que termina e um mundo de verdade que começa. Permitta-se-me a variante a Leroux.[1]

Erguem-se, no meio d'este desabar estrondoso d'instituições e d'este surdo baquear de consciencias, vozes inspiradas pela indignação mal contida, échos de grandes vozes que se aproximam, tumultuar augusto das grandes coleras filhas das tremendas injustiças.

[1] *«Nous sommes entre deux mondes: entre un monde d'inégalité qui finit et un monde d'egalité qui commence.»* De Egalité. *P. Leroux.*

E a orgia prosegue!

De cá, das ultimas fileiras, tem de ha muito erguido a humilde voz convicta e serena o auctor d'este livro. Não lhe faltou o apedrejamento, nem a resistencia silenciosa e traiçoeira, nem a calumnia das intenções, nem ainda a reacção anonyma: foi completo o cortejo das nullidades offendidas, como ha sido vehemente o protesto dos idolatras contra o iconoclasta que sacrifica o *savoir-vivre* á causa da justiça.

D'aqui: a tonicidade e vigor moral ao trabalhador convicto; d'aqui: a preserverança na lucta; d'aqui a firmeza na convicção; d'aqui: o arreigar-se no imo d'alma o sentimente do justo; d'aqui: a consciencia do bem praticado e a satisfação do dever cumprido; de tudo, emfim, que se aproxima da resistencia: o novo alento insuflado, a noção do direito avigorando-se, o retemperar de forças para o novo combate em favor da nova ideia!

Porque é a causa da verdade e da justiça que se defende n'estes protestos, embora fracos, contra a mentira e a iniquidade e o ridiculo e o erro; porque o protesto póde residir por vezes no

simples registro e na simples confrontação; porque na affirmação d'uma revolta permanente contra a imposição d'uns vagos queixumes rimados; contra o falseamento da critica; contra o romance pseudo-realista, torpe e asqueroso; contra o elogio pago; contra a prostituição da arte; contra a politica d'interesses pessoaes; contra a perseguição ao trabalho honrado; contra a idolatria inconsciente e insciente; contra o dogmatismo pedante; contra as irreverencias e profanações dos vendilhões do Templo; contra os sabios de botequim, despresadores da grammatica e do senso commum; contra os furores monarchicos dos democratas d'hontem; contra as blandicias dos democratas d'hoje e monarchicos d'ámanhã; porque na affirmação d'esta revolta, digo, reside a um tempo a destruição, e a base da edificação futura; porque n'estes clamores vai a perturbação das vaidades ruins e a accusação ás ruins consciencias!...

Escolheu-se, como arma, a *satyra*, por vezes. A *satyra* não é a risada alvar, nem a risada

cynica. Póde ser comica; póde ser tragica; comica ou tragica, póde ser terrivel.

Áparte o meu pouco respeito por Quintiliano, direi que errou elle mais uma vez concedendo aos romanos o privilegio da satyra; dou o braço por agora ao pedantesco La Harpe para contestar a asserção de Quintiliano, mas sou obrigado a abandonar *in continenti* o auctor de *Gustavo*, ao pensar n'aquelle vulto terrivel e grandioso que é a um tempo o symbolo da *indignação* e o symbolo do *protesto:*

JUVENAL!

Existe uma explendida confrontação de Juvenal e Horacio por M. Dusaulx, traductor do primeiro. [2]

A conclusão que tiráramos da leitura dos dois poetas torna-se evidente: o primeiro, corrigia, fulminava; o segundo, foi, até na satyra, o adulador constante. A musa d'Horacio tomava por alvo dos seus motejos os desprotegidos da fortuna. Juvenal não teve um Mecenas; elle comprehendeu, como diz Dusaulx, a necessidade de destruir a base do Mal, dissipando o prestigio

[2] COURS DE LITTERATURE. *La Harpe.*

das falsas virtudes. Juvenal é, segundo Hugo, o riso vingador, a febre, a paixão. «Isaias e Juvenal teem cada um a sua prostituida, mas alguma cousa existe mais sinistra do que a sombra de Babel: é o estalar do leito dos Cezares, e Babylonia é menos formidavel do que Messalina. Juvenal é a velha alma livre das republicas mortas. Tem alguma cousa de Aristophanes, e um tanto de Lycurgo. Não falta uma só corda a esta lyra, nem a este tagante. A invectiva de Roma flameja ha dois mil annos, assustador incendio de poesia que devora Roma em presença dos seculos. D'esta fogueira immensa brotam raios em pró da liberdade, da probidade e do heroismo; dir-se-hia que elle lança até á nossa civilisação espiritos cheios da sua luz. Regnier, Aubigné e Corneille são faiscas de Juvenal.» [3]

Depois d'aquelle riso severo e terrivel, temos mais perto de nós o largo riso gaulez: Rabelais, «o Eschylo do devorismo. Quem lê Rabelais vê surgir esta confrontação severa: a mascara da Theocracia olhada fixamente pela mascara da

[3] William Shakspeare. *V. Hugo.*

Comedia.» [1] Este, não adula, tambem; o seu riso é expansivo, mas o olhar é fixo. Sombria accusação! Este gigante carece d'expansões: tomai cuidado, vós todos que sois reis, cardeaes, inquisidores, duquezas de lupanar: vós todos que sois a devassidão, a venalidade, a prostituição e o roubo! Este padre conhece-vos o ponto vulneravel! Elle sabe fazer vibrar as cordas occultas do vosso sentimento e não vos poupará, crêde!

Mais perto, junto a nós, comnosco, temos Karr; deixámos em paz muitos dos melhores;—Karr é o successor de Rabelais: o seu riso tem, como o do cura, o sal attico; soffrendo com a sociedade a immensa modificação, elle só fulmina os ridiculos d'um rei *figurante*, d'uns ministros irrisorios, e d'uma sociedade burgueza, cheia de aspirações ridiculas e de absurdos preconceitos. Karr é o bom-senso cruel e independente, livre de respeitosidades vis. Elle saúda o *maire* d'uma pequena aldeia, conductor de viveres esmolados, e fustiga com o guarda-chuva de Luiz Filippe o

[1] William Shakspeare. *V. Hugo.*

pobre sr. Adolpho Thiers e o pobre sr. de Cormenin. [5]

Por inutil tenho citar Caio Lucilio e Persio e Regnier e Despreaux e Lagrange-Chancel e Arouet e Paulo Luiz e Veuillot, o gigante do ultramontanismo, e outros, que comprehenderam a elevada missão da satyra e a sua influencia illimitada nos tentames de regeneração. Cauterio na gangrena dos velhos corpos sociaes, vêmol-a surgir fatal e vingadora, em meio dos grandes desvairamentos, das grandes bacchanaes e das infamias clamorosas. N'estas paginas humildes, onde é mister vêr o fundo de consciencia e de verdade, registram-se muitos d'esses desvairamentos e lavram-se protestos vingadores. No meio d'este atropellamento das leis da vida, d'estes insultos á dignidade humana, d'este espantoso tripudear dos devassos por sobre a justiça derribada, abram os olhos á grande luz que se aproxima com a grande hora fatal, aquelles que não temem ao erguer a vista, deparar com reflexos de sinistra vermelhidão!

Setembro de 1872.

[5] LES GUÊPES.

I. *Elles* [6] sabem pouco. São de procedencia desconhecida e tenebrosa. Tenebrosos eram os seus planos, disse-o o proprietario do estanco visinho e affirmaram-n'o com elle os marçanos do visinho merceeiro. Não se sabe bem ao certo para onde iam: crê-se que não iam por bom caminho e que os homens da Bolsa não teriam ensejo opportuno para encherem os cofres esgotados, se os planos horrificos dos *taes* vingassem n'esta Parvonia sublime...

[6] Os conspiradores ignorados.

É verdade: *elles* sabiam pouco e pouco valiam para a regeneração da nossa archi-corrupta sociedade. Eram até incoherentes: davam o braço os homens dos pergaminhos e que appellavam para os avós, aos pobres diabos da plebe que apenas conhecem o avô... quando conhecem. A moralidade era duvidosa; os precedentes....... Emfim, não eram assassinos mas pouco menos!...

Diz-se que pensavam em incendiar Lisboa! Imaginae Lisboa incendiada, isto é: a par d'estragos horriveis, a Parvonia livre d'uma infinidade de bandidos disfarçados; d'estes bandidos que todos cortejam, menos eu e o leitor; d'estes bandidos que dão *soirées* e que salvam a patria a 20 %; d'estes altos funccionarios que protestam contra a vexação atroz de assignarem um recibo mensal dos seus vencimentos; d'estes bandidos-espiões que a troco d'infamias clamorosas obteem pingues sinecuras; d'estes bandidos que estabelecem a denuncia legalisada e que a recompensam dignamente; d'estes bandidos que fulminam com os seus anathemas os homens tetricos das *grèves* e que exultam com as pretendidas dissenções d'aquella associação pavorosa

que todos conhecemos e que não nomearei; imaginae, digo, a Parvonia livre d'esta parte consideravel dos seus habitantes e orae a Deus por *elles!*

Elles eram perfidos, sinistros, audazes; não valiam, mais, *talvez*, do que vós, seus perseguidores;—notae que disse *talvez;*—porque, emfim, *elles* pretendiam, segundo vós, incendiar os edificios e vós fazeis baquear as consciencias! *Elles* seriam um dia,—no grande dia,—uns assassinos sem alma, mas vós sois uns assassinos sem pudôr! Imaginemol-os votando recompensas aos mais distinctos entre os autores da sonhada hecatombe: seriam menos ignobeis do que vós outros, miseraveis, creando logares rendosos para os vossos abjectos espiões!

Ah! é que vós não sabeis talvez d'um caso curioso e vulgarissimo e natural: imaginae um pobre rapaz intelligente, cheio de sentimentos de honra, tendo creado um ideal de justiça que denominarieis *absurdo;* imaginae-o, digo, em discussão comsigo proprio; as crenças do pobre moço abalam-se com o espectaculo que lhe pondes ante os olhos; elle é honesto, trabalhador e

crente, soffre privações terriveis; na rua, a sua casaca de côr duvidosa afugenta os amigos; a sua reputação de *pelintra* não os attrae; todavia é austero, como disse; resistiu durante annos ás suggestões de varios quidams sem pudôr e julgou ter triumphado.

Um dia olhou para vós e para a sua miseria; viu-vos infames, é certo, mas cortejados; olhou em redor de si: viu o patronato escandaloso, o triumpho das nullidades, o descaramento dos renegados; viu a denuncia legalisada e recompensada; viu que a sociedade estendia a mão aos vossos famulos e descobria-se reverente ante vós mesmos; ouviu que lhe chamavam *creançola*, *doudivanas;* ouviu que chamavam ao roubo *senso pratico;* observou que um imbecil qualquer bem collocado o olhava com altivez e lhe dizia: «será muito bonito tudo isso, mas...»

O *mas* significava: «a tua probidade e o teu talento não te abrem caminho, e eu... cá estou!»

Elle viu isto e germinou-lhe n'alma, ou como se diz,—que já não sei bem se ainda temos alma,—germinou ali, digo, um sentimento de duvida; a vossa ignominia era immensa, mas aga-

loada; a vossa preversidade gemia sob a grã-cruz do sultão Achmet; a vossa imbecilidade,—porque existe grande numero d'imbecís entre vós,—fôra titulo de recommendação a sobraçardes uma pasta; ereis ignobeis, mas havieis *pago o vinho* aos eleitores e representaveis o povo no parlamento!...

A vossa vida era um conjuncto de torpezas e de venalidades: que importa isso? o correio galopava á portinhola do vosso trem, e elle, o pobre *mentecapto* da honra e do pundonor, era insultado pelos gordos burguezes que pretendiam cortejar-vos e a quem elle embaraçava no caminho!...

Ora, pensae bem: a Honra é uma religião, é certo, mas póde ser por isso reformada; vós daveis o exemplo tentador; as forças do homem são limitadas, embora não o sejam o cynismo e a abjecção; o pobre rapaz de quem vos fallei succumbiu; tornou-se como vós e como os vossos; engrossaram-se as vossas fileiras e vós rides, porque não temeis competidores...

O pobre diabo d'hontem tornou-se um dignis simo tratante laureado e mofará ámanhã das

crenças d'hontem e dos companheiros de martyrio.

Tudo isto é natural, bem o sabeis.

Agora, o que se pretende affirmar aqui é consciencioso sobre tudo. É que vós não valeis mais do que os pobres conspiradores, falsos ou verdadeiros, que haveis condemnado; é que tendes a ventura suprema e immerecida de dirigir os destinos de um povo ultra-imbecil e crassamente ignorante; d'um povo que, a troco de alguns copos de vinho, enche a camara de analphabetos ou de saltimbancos politicos, reservando-se o direito de apedrejar o exercito e de ser espancado por elle no acto do pagamento d'impostos; é que vós não tendes consciencia nem alma, porque emfim, podieis ser maus governantes e *uns bons sujeitos;* preferís ser plenamente detestaveis; tendes talvez rasão...

N'esta hora tremenda e sinistra, em que se aproxima vagarosamente o dia do saldo enorme, pretendeis amontoar a corrupção nas espheras onde habitaes; fazei-o muito embora, mas ficarão registrados esses factos monstruosos, que surgirão no dia da justiça!

II. Um dia, o sr. Camillo Castello Branco, [7] romancista portuguez, disse: o sr. Theophilo Braga não passa de.... *(qualquer cousa)* admirado pelo *gentio lorpa.*

Enumeremos:

1.º Lorpa: Michelet, em 1869.
2.º Lorpa: Amador de los Rios, em 1872.
3.º Lorpa: *(collectivo)* Os lentes do Curso Superior de Lettras, em 1872.
4.º Lorpa: O sr. Camillo Castello Branco, em 1865.
5.º Lorpa: O sr. Anthero do Quental, em 1865.
6.º Lorpa: O sr. Pinheiro Chagas, em 1865 e 1872.
7.º Lorpa: O sr. Oliveira Martins, em 1869.
8.º Lorpa: A Imprensa, em 1865.
9.º Lorpa: A maioria da Imprensa, em 1872.
10.º Lorpa: *(collectivo)* A *Federação Academica Lisbonense*, em 1872.

Quantidade prodigiosa de lorpas provaveis: os leitores lorpas de Theophilo Braga; o pu-

[7] Paira nos ares uma ameaça pavorosa do sr. Camillo ao auctor d'este livro, a proposito d'um folheto intitulado «Theophilo Braga e os Criticos.» O caso tétrico está ainda envolto nas faixas do mysterio. Espero, tremulo e resignado.

blico lorpa que assistiu ao recente concurso; os leitores de Theophilo que pedem do estrangeiro as suas obras, etc.

Agora, temos a *gente fina* que não admira Theophilo Braga:

1.º Finorio: O sr. Camillo de 1872.

2.º Finorio: O sr. Alberto de Queiroz.

3.º Finorio: O sr. Germano Vieira de Meirelles.

Immensidade de finorios provaveis: os leitores *finorios* do sr. Camillo; os membros *finorios* da Academia Real das Sciencias; o sr. Jayme de Belem; alguns poetas lyricos da *baixa;* a creada do sr. Camillo Castello Branco; José Soares de Pernambuco, etc. etc.

Tem razão o sr. Camillo.

CARTA A GOMES LEAL.

Amigo.

III. Escrevo esta carta, a v., eterno despresador d'umas conveniencias que podiam ser apenas hypocritas e que são, de ordinario, infames. Guarde-me Deus de atacar as instituições do meu paiz, n'estes tempos em que os altos poderes bus-

cam entre nós o que, entre nós, nunca existiu a sério: Conspiradores! Lá o que está estabelecido pelos nossos sabios estadistas respeito eu, pelo menos *tanto como v.;* pelo que toca ás velhas usanças da nossa sociedade burgueza, cá estou nas fileiras dos que as combatem.

Eu sei que é praxe estabelecida entre o jornalismo *ordeirão* o horror ao suicidio e a condemnação dos suicidas. O sabio redactor principal da esclarecida «Gazeta de... Olhão», ou «de Mirandella» accordou por uma bella manhã de primavera resolvido a ser util á humanidade, como aquelle typo nacional de Belem, *auctor dos differentes originaes opusculos*, e, agora o vereis!...

Uma pobre costureira, forçada pela fome ou pela deshonra a optar pela *prostituição* ou pelo *suicidio*, teve, em pleno anno de 1872, e em plena civilisação portugueza, o *mao gosto* de escolher o segundo caminho. Não contara porém a miseravel com o furor humanitario do sugeito já citado: no dia immediato ao da morte da infeliz lá está *elle*, sereno, imperturbavel, austero, protestando, em nome da moral e da religião, contra

o acto covarde, entre um elogio ao candidato do governo e outro ao *Fausto* do sr. Castilho.

V. conhece, amigo, aquelle velho chavão: «mais uma vez se repetiu aquelle acto que a Razão reprova e a Religião condemna, etc.;» conhece tambem o fundo de consciencia que ha *n'aquillo*. Eu não sei se a Religião condemna, mas d'esta vez dá ella o braço a Cabanis e Esquirol e Descuret, que o condemnaram (o suicidio).

Não pensava como certos jornalistas de cá da aldeia o philosopho de Cittium [8] que o absolvia e que nos dava a virtude como unico bem e Deus como um dos dois principios eternos. Já deixo em paz a eschola *epicureia* que póde não convir aos sugeitos.

Dirão elles que nos Estoicos era a morte a salvaguarda contra a servidão e nos Epicuristas um refugio contra a dôr; a isto não posso responder senão penetrando no fôro intimo das consciencias dos gordos jornalistas. Não penetrarei!...

Existe uma condemnação do suicidio formu-

[8] *Zenão.*

lada em prejuizo da dignidade humana e ainda de senso-commum, por um tal Eugenio Poitou, n'um livro onde o sugeito estuda (?) a influencia da litteratura sobre os costumes [9], confesso-lhe, amigo, que estremeci ao deparar no livro em questão com um capitulo: *De la destinée humaine. Suicide;* temi que me convencessem dos meus erros; tenho-lhes amor como o tenho aos meus vicios; somos companheiros antigos e inseparaveis.

Tranquillisei-me porém, quando vi que o sr. Poitou não adiantava mais do que os jornalistas: o homemsinho limita-se a ameaçar-nos com *o que está álem da campa*, e eu, sobre isso, tenho, já agora, uma velha opinião muito minha:—é que o *terrivel desconhecido* só amedronta á mingua de provações terriveis e evidentes. Soceguei.

Permitta-me um desvio: quero dizer-lhe duas palavras mais sobre o moralista em questão e tanto mais que me foi elle recommendado pelo nosso illustre amigo G. B. o qual não me perdoará talvez as sinceras palavras que aqui deixo consagradas ao seu protegido.

[9] *Du Roman et de son influence sur les menrs.* 1858.

Imagine o meu amigo que o tal cortador de nós Phrygios diz, n'um capitulo do seu substancioso livro, cousas como estas:—«A dar ouvidos a esta gente teriamos de collocar M. de Balzac a par de Molière, de St. Simon e de Shakspeare!»

Eu lembrei-me d'aquelle chorado e insultado poeta, Lamartine, que não se pejou de, no seu livro sobre o auctor da *Comedia Humana*, [10] collocar o auctor do *Père Goriot* ao lado do auctor do *Mysanthropo*. Lembrei-me d'aquelle bom Taine, que, fallando de Balzac, disse: «—É o Molière medico; é o St. Simon do povo. Com Shakspeare e St. Simon, vêmos em Balzac o mais completo armazem (?) de documentos sobre a natureza humana.» [11]

No fim de tudo, os Poitous são de todos os tempos e de todos os paizes...

Abandonêmos porém o sugeito.

Dizem os moralistas gordos:—... acto que a *religião* e a *razão* condemnam etc.»

Questão de relatividades, direi, se dão licença: quero crêr que Escousse e Sautelet e Chat-

[10] *Balzac et ses œuvres.*
[11] *Nouveaux essais de Critique.*

terton possuiam pelo menos um dos dotes. Já Catão e Seneca e Bruto e Cassio e Demosthenes, etc., que fizeram algum estrondo no mundo, não recuaram perante o acto heroico. Eu não sei se o gigante de Weimar arrancou alguns punhados de cabellos pelos resultados do seu trabalho [12]; se tal fez Méry pelos do seu *Bonnet Vert;* se Maxime du Camp teve de arrepender-se por ter creado o typo de *João Marcos* [13] o que sei é que desde o legislador de Mileto, que expunha nas ruas os cadaveres das suicidas, até aos jornalistas modernos, não teem faltado maldicções e sarcasmos sobre aquelles cadaveres sublimes. Desde a Egreja, que abre os braços ao filho ricasso e virtuoso, até ao mais inconsciente materialista d'aldeia, tem-se cuspido com despreso sobre as cinzas de quem, porventura, pediu em vão consolação a uns, pão a outros, e justiça a todos nós!

O lado *util* existe afinal nos suicidios : que seria da humanidade no seu espantoso desenvolvimento *se todos soubessemos viver!?...*

[12] *Werther.— Goethe.*
[13] *Memoires d'un Suicide.*

D'umas paginas sei, e sabe v. decerto, d'um grande e promettedor talento, cujos vôos cortou uma prematura morte; alludo a Armand Carrel e a um artigo por elle publicado na *Revue de Paris*, em junho de 1830 [14] a proposito do suicidio de Sautelet, proprietario do *National;* eu não conheço trecho mais eloquente sobre o assumpto, nem mais commovedor; o illustre jornalista não faz a apologia do suicidio: explica o acto heroico; justifica-o e fulmina com a sua palavra inspirada o bando de moralistas sem consciencia e sem alma, que são as varejas encarniçadas d'aquelles cadaveres e que o são ás vezes da nossa vida.

Meu amigo, comecei esta epistola, que vae longa, dando-lhe como razão d'ella o seu despreso por certas conveniencias absurdas, introduzidas, e já estabelecidas como dogmas, graças ao eterno concilio da estupidez ou da exploração. V. segue outro caminho: ri d'isto e d'estes homens; eu confesso-lhe que morrerei impenitente e tomando a serio estes *eternos tolos* de Tertulliano.

[14] *Vidè: OEuvres litteraires et Politiques de Armand Carrel;* 1854.

IV. Um dia, Meyrelles, jornalista portuense, quiz ser terrivel.

Foi.

Lançou mão da penna e constellou a folha *Primeiro de Janeiro* com os *specimens* de critica litteraria que vão ler-se para edificação dos vindouros.

—O Meyrelles em questão chama-se Germano Vieira de Meyrelles.—

Os *specimens* são estes:

1.ª «É bicho para encovar todos os fabulosos monstros do Apocalypse, e um como que signal de que está perto o *Ante-Christo.*» *(Primeiro de Janeiro n.º* 169.*)*

Alludía a um folheto intitulado: *Os Criticos da Historia da Litteratura Portugueza*, por Theophilo Braga, e pretendia dizer:—o *Anti-Christo*, dizendo o *Ante-Christo*.

2.ª «A chamada questão coimbrã, suscitada por um movimento (?) é impulso de generosa indignação, *aberta* (?) pelo sr. Anthero do Quental, foi um terrivel precedente.»

Aqui não sei, bem ao certo, o que pretendia dizer Meyrelles com *o impulso aberta*, *suscitada*

ou *suscitado* por um movimento (?). Os leitores do *Primeiro de Janeiro* não pediram explicações, creio. Os d'este livro seguirão, a meu pedido, tão nobre exemplo.

3.ª «Os Theophilos, Coelhos, Silvas Pintos, Cordeiros e quejandos renovaram a fabula do jumento e do leão; e não ha ahi escriptor da velha geração desde o sr. visconde de Castilho até Herculano etc.»

Remechâmos isto com cuidado:

Temos a renovação da fabula do jumento e do leão. Estabelecida a falta d'imputação de Meyrelles, admittâmos que os escriptores da geração nova, entre os quaes figura por bondade de Meyrelles, o meu humilde nome, admittâmos que esses escriptores representam para Meyrelles o *jumento* e que o *leão* é representado pelo sr. Castilho, pelo sr. Oliveira Martins, pelo sr. Camillo, pelo sr. Anthero, pelo sr. Meyrelles, e por uma longa serie de *senhores* que ao sr. Meyrelles esqueceu citar.

Ora, Meyrelles conhece a fabula, decerto; mesmo porque é indispensavel conhecer a fabula para ser jornalista.... no *Primeiro de Janeiro*.

Bem. Meyrelles sabe portanto que o *leão* estava moribundo quando foi *insultado* (?) pelo *jumento*. Meyrelles crê portanto que a velha eschola, que a eschola official, que a eschola,—se eschola existe,—do elogio inconsciente, está moribunda? Fôra caso este para dar a Meyrelles os parabens se não lhe tivesse negado imputação!

«Não ha ahi escriptor da velha geração, desde o sr. visconde de Castilho até ao sr. Herculano que não tenha...»

(O *resto* não póde ficar n'um livro; estava bem no *Primeiro de Janeiro*.)

Desde o sr. Castilho até ao sr. Herculano?!

Meyrelles teria em vista dar-nos uma profissão de fé litteraria, citando *em primeiro logar* o sr. Castilho? Não será aquillo mais do que um systema preestabelecido? Aproximar-se-ha Meyrelles d'aquelle estado grave, *aproveitado*, segundo Montesquieu, pelas maiorias que desejam passar por ajuizadas?...

Cuidado!

4.ª «Pensa acaso que os seus trinta volumes de prosa á Lobão, lerda e bernarda etc., lhe ins-

piravam direitos para engrossar a voz e embutir-se com a sua auctoridade a *ninguem?*»

Temos, primeiramente, o bom do letrado Manuel de Almeida com prosa bernarda, pelo simples motivo de ser advogado dos bernardos. Meyrelles aqui não ousou dizer tudo que lhe dictava o bestunto: elle tem por bernardo o zoilo do pobre Mello Freire! Terei d'averiguar isto.

Ora agora, temos que Meyrelles pensa em si amiudadas vezes, a ponto de,—repellindo o auctor dos trinta volumes, o qual, pelos modos, pretende embutir-se-lhe com a sua auctoridade, —diz: que não lhe *inspiravam* os trinta volumes auctoridade para embutir-se a *ninguem*....

Meyrelles pensava talvez em penitenciar-se de antigos erros e como que confessava o seu rebaixamento até á extincção da sua personalidade. Não tinha razão. Meyrelles existe; se algum dos leitores do *Primeiro de Janeiro* nutrir suspeitas ácerca da existencia de Meyrelles,—materia organisada, não tenho duvida em empenhar em abono d'esse facto.... a prosa de Meyrelles, por exemplo.

5.ª «A conspiração, deve-a á muralha que a

linguagem dos seus livros *interpõem* entre a *sua* individualidade e a curiosidade do publico.»

Meyrelles pretendia dizer «que a linguagem dos seus livros *interpõe.*» Aquelle verbo, no plural do indicativo presente, authorisa qualquer dos leitores do *Primeiro de Janeiro* a dizer: «Meyrelles, se existe, *hão de* ser eternamente... Meyrelles.»

Depois a quem allude Meyrelles fallando da *sua individualidade?* á individualidade dos livros? á da linguagem? á do auctor?

Elle queria dizer: a individualidade *do auctor.*

6.ª «Quem assim escreve faltando á grammatica, (é Meyrelles quem falla), as leis de construcção e bom senso na indifferença e na impunidade em que anda laboriozamente vegetando, só tem que applaudir, etc.»

Agora é mais serio e confesso que Germano abusa da minha paciencia, obrigando-me a explical-o: temos ali: «as leis de construcção e o bom senso na indifferença e na impunidade em que anda (quem?) laboriosamente vegetando;» temos mais: «quem assim escreve faltando á grammatica;» temos ainda: «só tem que applau-

dir;» quantas orações ha aqui? onde estão os agentes? que salsada é esta, oh Meyrelles?!

7.ª «Agora, que se fez Jupiter Tonante, frechando com os raios da sua ira os impios, que nunca tiveram a fé de carvoeiro d'um editor palerma, confundindo-o absurdamente com o evangelho agora parece-nos occasião opportuna de arrancar as pennas emprestadas de pavão e expôr a gralha na sua feia nudez.»

Temos pois: Jupiter Tonante, que é gralha, que tem pennas de pavão, que é evangelho para certos editores, que frecha os impios com os raios da sua ira e que é, pelos modos, no fim de tudo, um homem, embora não tão galante e donairoso como Meyrelles.

8.ª «Condemnados e queimados todos os mestres da nova geração por estes orthodoxos da *sciencia e da consciencia,* [15] o que nos deram para substituil-os?»

O que nos deram? quem? os mestres ou os orthodoxos?...

[15] *Meyrelles, o preverso, allude a uma carta por mim escripta, sob a epigraphe* SCIENCIA E CONSCIENCIA, *ao sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos, em* 1871.

Para substituil-os? A quem? aos orthodoxos, ou aos mestres?...

9.ª «Os Theophilos, os Silvas Pintos, a Federação Academica, uns charlatães que citam em allemão e em grego, sem conhecerem o alphabeto das duas linguas.»

Vamos por partes:

Meyrelles aggride a Federação Academica por dois motivos, por trez, digo; aggride-a porque Theophilo Braga foi nomeado socio honorario d'aquella Federação; porque eu, pobre mortal, que não mereço as boas graças de Meyrelles, sem embargo de explicar a sua prosa, dediquei á Federação Academica um protesto em favor de Theophilo;[16] aggride-a, finalmente, porque a Federação *devia* forçosamente ser aggredida pelos Meyrelles de toda a casta e de todos os feitios...

Homens que citam em allemão e grego sem conhecerem o alfabeto das duas linguas? Oh Meyrelles! mas, é justamente o chefe da tal tua eschola quem dá o funesto exemplo! Pois não

[16] *Theophilo Braga e os Criticos;* 1872.

traduziu elle, — o que sempre é mais do que citar, — o *Fausto, allemão*, e a *Lyrica* d'Anakreonte, *grega, — allemão* e *grego*, oh Meyrelles! duas linguas que elle não conhece e dando-se, mais, o caso espantoso de não conhecer elle, — o teu mestre, — o alfabeto da segunda lingua!...

Isto é: não sei se o *Fausto* foi afinal traduzido por elle, ou por ti, ou pelos teus collegas do *Primeiro de Janeiro;* isso não importa, porém: o nome d'elle lá está, no frontespicio d'aquella obra immorredoura!...

Oh! os Coelhos de quem fallas, Meyrelles, fizeram da tal obra uma apreciação condigna [17] que os teus, os da tua eschola, não refutaram, e, deixa-me dizer-te, não refutarão; porque são como tu, Meyrelles, ignorantes, petulantes e sem consciencia; porque são, como tu, Meyrelles, uns detractores do trabalho honrado, uns assassinos moraes, uns insultadores desgraçados da Arte e da Verdade!...

Creio que ia tomar-te a sério!... Peço perdão aos meus leitores.

[17] *Bibliographia Critica de Historia e Litteratura;* n.º 1.

É para elles que fallo agora.

Este pobre noticiarista, cujos ataques ao bom-senso acabo de registrar, representa entre nós o papel tristissimo representado em todos os tempos e em todas as nações cultas, pelos Meyrelles de todas as nações e de todos os tempos: é sina de todos os homens superiores o serem perseguidos por uns belegins da Arte ou da Sciencia official, que ligam ao nome glorioso das suas victimas (?) a denominação da ridicula personalidade dos perseguidores. Assim, vêmos Shakspeare perseguido por Forbes e Johnson e Green e Thomas Rhymer e Dryden e Lennox (Mistress) e Warburton e Samuel Foote e Pope e La Harpe e Coleridge e Hunter.

Por vezes o insultador póde ser um homem superior, dominado pelo ciume. Voltaire insulta Shakspeare. Eschylo é insultado por Sophocles. Molière é victima de Bossuet e Fenelon.

No genero *nullidade* temos ainda, entre muitos, aquelle Trublet censurando Milton; La Beaumelle injuría Voltaire; Visé ataca Molière; Fréron continua La Beaumelle; nos nossos dias Mirecourt e o sr. (sic) Courtat *fulminam* Victor

Hugo; a Academia Franceza elege Flourens, medico, em preferencia a Hugo. As varejas da litteratura franceza assassinam lentamente o primeiro romancista dos seculos, *Balzac*; é preciso que Taine, Lamartine, Gozlan, etc., busquem rehabilitar o grande homem para que a França se orgulhe de lhe ter dado o ser. Ha pouco a Academia das Sciencias moraes coroava uma obra onde se chamava a Balzac, a Sue, e a Sand, *escrevinhadores*[18]. Herculano, entre nós, recolheu-se á sua tenda, fatigado do apedrejamento recebido. Os *Theophilos*, os *Coelhos* e os *Cordeiros*, isto é: os homens que estudam entre nós, teem contra si os furores dos Meyrelles, dos pobres atrabiliarios sem consciencia, inimigos da grammatica, do bom-senso e da justiça: é o caso de apertar a mão aos insultados, por lhes ter chegado a hora da grande recompensa: as calumnias de que são victimas servir-lhes-hão de pedestal aos olhos dos homens do futuro.

---

[18] *Influence du roman et du theatre contemporains sur les moeurs, par Eug. Poitou.*

V. Corria o anno de graça 1872, quando o sr. D. Pedro d'Alcantara, imperador do Brazil, pensou em honrar a nação portugueza com a sua presença. O modo como foi recebido; as ovações ruidosas e imponentes; as grandes illusões, eguaes aos immensos desenganos; os pratos favoritos do monarcha; as suas manias; os seus passeios nocturnos e secretos; as suas vizitas aos logares da Praça, á Alfama e á Academia das Sciencias; as suas perguntas ingenuas e as suas respostas... *democraticas* (?); o vestuario, a malla, a celebre malla,—tudo isto e mais, se encontra descripto nas folhas candidas da epoca feliz que ouviu os queixumes de Vidal *o triste*, e soffreu os escandalos de Fontes, o immortal.

No meio da azafama dos admiradores do heroe, d'aquelle que

> «...deixou pendurada
> na mór palmeira a épica,
> a vingadoura espada...»

para vir receber as nossas acclamações, surgiu da Universidade de Coimbra um brado subversivo soltado por um sacrilego e infiel subdito do grande principe a quem

«O Ceo a rir no Oceano
reconduziu ao throno.»

O regicida chama-se Manoel de Campos Carvalho e é estudante do 4.º anno da faculdade de direito; a sua obra nefanda intitula-se: *O sr. D. Pedro II e a monarchia no Brazil.*

Como testemunho de coherencia e para base de reflexões que adiante seguem, reconstruo uma carta que opportunamente dirigi a M. de Campos por intermedio da imprensa.

É a seguinte:

«Eu não quero, ou antes, não posso já agora deixar correr mundo um folheto por v. s.ª publicado, sem dizer-lhe o que sinto pensando nos factos que motivaram a sua apparição e nos sentimentos que elle traduz.

E seja-me permittido dizer duas palavras, que exprimem uma felicitação, a mim homem que se não distingue pelos elogios prodigalisados ás summidades do paiz e que não mira á protecção de qualquer Goliath das altas espheras nem aos abraços das maiorias.

V. s.ª publicou ha dias um folheto que se intitula — *O sr. D. Pedro II e a monarchia do*

Brazil, protesto contra umas ovações decretadas pela imbecilidade, ou pela má fé, ou ainda pela leviandade.

É v. s.ª dos que ainda se indignam e dos que ainda se revoltam; eu, se não tivesse vinte annos, diria talvez que não é o caminho mais seguro para uma brilhante carreira no nosso paiz, esse que segue, mas nem a idade me permitte, *por emquanto*, aconselhar... prudencia que póde ser baixeza, nem eu daria aos que me conhecem o espectaculo da mais notavel incoherencia, desmentindo com *paternaes* conselhos os meus conhecidos *desvarios*.

V. s.ª protesta contra a louvaminha e eu applaudo-o com todas as forças e com o enthusiasmo mais profundo e mais convicto. Dizem-me que mais tarde vem o arrependimento com a sisudez e com a madureza; v. s.ª sabe talvez o que significa por cá a sisudez; se não sabe, eu... não me encarrego de dizel-o, e, diga-se tambem: não o faço *por pudor*.

Sabio, *liberal*, *affavel*, *intelligente*, etc. etc., chamaram ao chefe da nação brazileira alguns merceeiros e alguns noticiaristas. Eu não sei se

ante os olhos de v. s.ª, decerto deslumbrados como estes meus, passaram uns papeis cujas columnas eram especialmente dedicadas á nomenclatura dos *pratos á portugueza*, pedidos pelo monarcha em questão á mesa de qualquer hospedaria. Não sei mesmo se v. s.ª poude ver e admirar a incrivel audacia com que os papeis em questão tentavam apresentar-nos como actos meritorios uns terriveis ataques dirigidos pelo sr. D. Pedro do Brazil ás mais rudimentares regras da civilidade.

Se v. s.ª viu e admirou os devaneios dos noticiaristas a que alludi, deve sentir applaudir-lhe a consciencia a sua franqueza, pouco usada entre nós em relação á imprensa portugueza.

Sabio? a que chamam sabedoria? a que chamam illustração? Ás observações do sr. D. Pedro sobre os trabalhos de Guizot e Littré em presença dos dois grandes vultos? Ás suas observações ácerca de um quadro de Holbein no Porto e de um outro de Velasquez em Coimbra? A uma discussão (sic) sobre medicina com o sr. Magalhães Coutinho? Mas apresente-se ámanhã o monarcha mais crassamente ignorante a dis-

cutir sobre *glottica* com Max-Muller e cremos que o illustre professor d'Oxford saberá conter-se no terreno que lhe marcou a boa educação e descerá a discutir com o sujeito.

Se é *liberal* o sr. D. Pedro prova-o v. s.ª no seu folheto que eu quizera poder transcrever na sua integra e distribuir pelos papalvos que por toda a parte acompanham d'olhos esgazeados o monarcha brazileiro.

Sobre a *affabilidade* do sr. D. Pedro dá largas informações a *Independencia Belga* e dão-n'as entre nós todos os homens de qualquer esphera que conseguiram aproximar-se do excelso D. Pedro. II.

Afinal, não passa isto d'um conjuncto de opiniões convictas, que eu exponho a v. s.ª e que publico, afim de provar-lhe que não se acha só na cruzada que emprehendeu; é tambem documento que servirá a mostrar aos filhos do Brazil que porventura o lerem, que não passou desapercebida a vinda do seu chefe a este canto da Europa, e que, ao lado dos obeliscos, dos mastros embandeirados e dos vivas de um povo amavel, pode erguer-se alguma cousa de menos

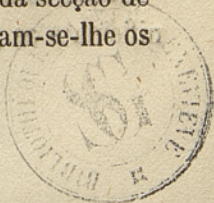
dispendioso e brilhante, mas de certo mais duradouro e consciente.

V. s.ª receba sinceras felicitações e disponha de mais um admirador convicto e muito affectuoso.»

Eis o que eu escrevi. Não renego o que ficou dicto, mas ha mais que dizer.

Ha no Porto uma mulher, proprietaria d'um hotel, que protesta em pleno anno de graça de 1872, em plena civilisação portugueza, na terra de Germano de Meyrelles, emfim, contra.... a.... *pouco decorosa acção* praticada pelo soberano brazileiro em prejuizo dos direitos d'ella, hospedeira.

A indecorosa acção consiste em ter,—uzêmos da linguagem rude para o caso rude,—em ter comido e bebido... e partido sem pagar.

Ah! é que, se S. Magestade está livre das garras do habil policia Antunes, não o está da colera celeste, nem da indignação publica! Aqui, quando um pobre compatriota nosso tem por conveniente a adopção do imperial systema, vê o seu nome exposto no pelourinho da secção de annuncios; no dia immediato esquivam-se-lhe os

amigos, como se o misero fosse victima da peste, e os fornecedores de viveres fazem-lhe estrondosa montaria e a lavadeira ameaça-o com a policia!

Pois que! Ha-de a qualidade de *soberano* authorisar um sugeito a não pagar ás hospedarias!? Guarde-nos Deus de tal precedente! Deus sabe quantos pretendentes a chefes de estado não vegetam n'este pequeno torrão sem a concessão do tal previlegio... espalhe-se ámanhã o boato terrivel e infelizes de nós!

Agora mesmo tomam incremento uns boatos singulares: diz-se que os habitantes de Pernambuco e do Pará, indignados pelo procedimento do soberano brazileiro na questão do pagamento de casa e comida, resolveram saldar as contas em questão... exterminando os portuguezes residentes!...

A meu vêr a indignação dos ferozes pernambucanos, é porque o sr. D. Pedro... *pagou*, pelos modos, umas maçãs na Praça da Figueira.

Aguardam-se pormenores sobre a terrivel carnificina e as gerações futuras denominarão esta

nova *St. Barthelemy* a REACÇÃO CALOTEIRA DO IMPERIO DO BRAZIL.

CARTA A MAGALHÃES LIMA.

VI. É v. um honrado rapaz, estudioso, trabalhador e crente; v. alarga ainda a vista em busca da terra promettida, sem que lhe falleça o animo ao rasgar os pés *nas urzes e areias do ardente caminho do ideal;* v. busca ainda a Verdade; advinha-a; sente-a, sagrada, indivizivel, austera, e vilipendiada, e escarnecida.

Bem haja.

Ha ahi, na *Luza Athenas*, um grupo de rapazes academicos,—e não confundo eu estes *academicos* com uns outros nossos conhecidos; —ha ahi, digo, um grupo de rapazes enthusiastas, pouco conhecidos por em quanto; que não fazem versos lyricos, nem *salamaleks* aos folhetinistas de Lisboa; que não transigem com a devassidão geral; que teem fome e sede de Justiça; que não renegarão,—deixe-me crêl-o,—as crenças d'hontem pelas conveniencias d'ámanhã;

que teem a authoridade moral para erguer a voz, por que são puros, e que protestam, porque são opprimidos.

É com esses que eu vivo.

D'ahi me teem vindo uns applausos ao meu trabalho humilde, que pouco, pouquissimo vale, e que muito significa, trabalho condemnado, *despresado*, calumniado e quiçá escarnecido por quantos parasitas e exploradores por aqui tripudiam sobre a Justiça derribada.

D'ahi me teem vindo applausos, amigo, que eu reuno aos raros que por aqui me são dispensados e aos da Consciencia intransigente.

Deixe-me ter estas *expansõesitas* de rapaz, n'uma terra onde Diodoro, o dialectico de quem falla Montaigne, não morreria de vergonha, com receio de ser apupado depois da morte..... [19]

Escrevo-lhe a fallar-lhe d'um livro: O SECULO E O CLERO, de João Bonança.

Isto não é um artigo de critica litteraria, nem podia sêl-o. Acima da Arte vejo eu, e é forçoso ver, outra cousa n'este livro. Vejo aqui violenta-

[19] *Essais. Montaigne.*

mente cortado o nó dos Phrygios; isto repugna em parte á minha indole pacifica, mas não se tracta aqui de indoles, pacificas ou bellicosas, e só sim de opiniões sinceras e livremente emittidas.

O livro de João Bonança é, antes de tudo, *uma boa acção*. É-o na intenção do auctor; sêl-o-hia nos resultados se fosse outro e mui diverso *o meio* onde brotou. Não deixa de ser *uma boa acção* a esmola por mim dada a um vagabundo.

O resultado é que póde ser nocivo.

De que se tracta? De indicar como *indigna* a parte indigna do Clero? de arrancar o véo que encobre os rostos de centenares d'hypochritas? de desaffrontar o Christo que *elles* vilipendiam, e, pela segunda vez, crucificam?

Seja!

Eu conservo no meio de uma vida, curta ainda, mas já bem cheia de amarguras, varias crenças *por mim* e *pelos outros*.

Accuzem-me embora de orgulhoso: dispenso o padre pelo que me diz respeito, mas, venero o *bom padre*, como o que existe de mais vene-

ravel; mas, quero-o para esses pobres de luz, que olham instinctivamente o céo nas suas angustias, á mingua de justiça, e que sentem, que advinham ali, alguma cousa de mysterioso, de incoercivel, que alenta, que anima, que protege e que fortifica.

É então que eu peço para elles,—pobres, interrogadores do Infinito,—o padre honesto, o padre virtuoso, *o bom padre*; quero-o ensinando a creança rude a soletrar n'uma pobre cartilha e quero-o indicando á creancinha o nome de *Deus* em cada flor, em cada arbusto, em cada estrella. Quero-o, evangelisador do Justo, embora rebelde aos decretos dos Concilios; quero, finalmente, o sacerdote livre no estado livre, incutindo no homem do povo o respeito pela Justiça e o respeito pelo Desconhecido!

O clero portuguez pecca, por vezes, mais por ignorancia do que por maldade.

Aqui não vae bem a compaixão pelos erros: nem o *perdoai-lhes!* do Christo, nem a *santa simplicidade!* de Jeronymo de Praga ou de João Huss.

Não! não é um clamor de piedade que peço

para elle, mas não applaudo o exterminio! Digo, sereno e impassivel: *distingui!*

No livro de João Bonança ha lances commovedores, figuras sympathicas e quadros *terrivelmente* esboçados.

O capitulo intitulado: *Um banquete de padres* póde ser real; o que é certo é que não passa d'uma excepção. Insensivelmente lâ se penitenciava o auctor ao desenhar na penumbra o vulto de G., o velho cura.

É o Myriel dos *Miseraveis*; é ainda o padre d'aquelle livro de Silva Gayo, o *Mario*; é o *bom padre* emfim, que eu prefiro ao auctor do *Maldicto*, — rapsodista de Sue, sob o covardissimo anonymo.

O livro de João Bonança é, antes de tudo, um livro de propaganda; as idéas ali expendidas têem sempre bom acolhimento entre o povo,— demasiado, talvez;—esta creança gigantesca tem sede de vingança e sacia-se com anathemas...

Lá vou affastar-me de novo de assumpto; mas, hei-de fazel-o conscientemente. Já agora tinha de dizer o que ha de ficar dicto d'uma vez e que bom é que se affirme.

Eu detesto todos os despotismos, *seja qual fôr o ponto de partida.*

Deus me livre de adular o *povo soberano!* Lá defendêl-o em seu e meu nome, reagindo contra a oppressão e a usurpação dos nossos direitos, isso sim! Victorioso, não conte com a minha adulação, nem em vesperas de victoria! Bem sei que nenhum mal póde vir á republica com a minha abstenção; o caso é que me abstenho...

O que eu não quero é o aproveitamento da ignorancia e da força bruta do povo para o triumpho d'uma causa, por mais justa; é a justificação da *St. Barthelémy* e do exterminio dos Albigenses; é a convocação ao exterminio e á devastação; entendo que o *bom padre,* o padre livre, é o melhor dos mestres do povo na infancia; este tem direitos: affirme-os pela illustração; tem deveres a cumprir: estude-os; illustre-se; robusteça a sua intelligencia; auctorize o vigor do seu braço!

Perante a idéa d'um movimento precipitado que póde conduzir-nos ao mais feroz dos despotismos: despotismo popular, justificando os despotismos real e monachal, vendarei os olhos. É

digna de respeito a indignação dos que soffrem; quem sabe se por vezes me terei contido? N'esta época de critica e de reflexão desprezêmos a força bruta isolada e estudemos o gigantesco problema....

Outra cousa tenho de affirmar e aproveito, já agora, o opportuno ensejo para dar a esta epistola uma feição mui parecida com a de profissão de fé litteraria e quasi politica.

Eu não sou dos que se servem do trabalho honrado de uns para deprimir a honra e o trabalho dos outros. É preciso affirmar isto bem alto: não me ageitarei jámais á idolatria: é por isso que exijo para as minhas opiniões e para os meus juizos o respeito que tributei sempre ás opiniões *leaes e desapaixonadas* dos que militam em campos oppostos.

Todo o trabalho é sagrado, quando o trabalhador é honesto: eis a grande divisa e o principio grande!

Se eu sei, amigo, o que são desalentos e duvidas... Sei decerto; mas não ha acaso por detraz d'algumas duvidas e desalentos uma porção immensa de egoismo? Tal homem não succum-

birá acaso ao peso da sua obscuridade e á fuga constante da celebridade porque almejára?...

Nós não trabalhâmos pelo renome: trabalhâmos por uma idéa. Nem todos temos direito á celebridade, ou antes: nenhum de nós tem direito a ella.

Em todas as luctas ha os batalhadores obscuros, aquelles *mortos ignorados* do Pelletan. Áquelles que, só levados pelo desejo d'uma celebridade qualquer, prestam auxilio á causa da verdade, cabe, pelo menos, um quinhão d'infamia egual ao quinhão de louvores!

Depois, que importa, amigo, aos que trabalham e luctam, o sorriso dos parasitas, e dos devassos? Se o nosso trabalho lento e obscuro e esmagador aproveitar um dia aos filhos seus, tanto melhor! Porventura trabalharam por nós, outrora, os geradores d'esses abortos!...

Longa vae esta minha digressão motivada, e felizmente motivada, pelas suas *Cartas academicas*, que me provaram existir ahi um honrado e nobre espirito que compartilha dos trabalhos da nova geração em favor da *nova idéa*.

VII. Era um espectaculo imponente pela significação; era sobre tudo edificante!... *Elle* debatia-se entre os seus juizes, sob os alentados sôcos dos algozes, e a Moral triumphava como nos bellos dias da Roma antiga, antes dos Cezares. Era magestoso!...

O grupo era numeroso á porta do café *Japonez*: entre os vultos mais salientes distinguia-se o de J. R..., sugeito alto, vigoroso, de grande abdomen e d'uma firmeza de principios assustadora; elle casquinava umas rizadas satanicas a cada bengalada que cahia sobre o misero, e murmurava: *tratante!*

Mais adiante, via-se com assombro o tetrico vulto de F. J.; moço, trigueiro, exhalando um cheiro a honestidade não menos tétrico, mas d'esta honestidade que se explica pela palavra *relatividade*, ou que esta palavra explica; elle esgazeava os olhos, a cada murro applicado sobre o martyr e berrava como possesso: *Devasso!*

E os commentarios! e as maldicções! e os protestos!... De cada canto ouviam-se vozes tremulas d'indignação que bradavam:—Dêmos um

exemplo de moralidade! Salvemos a sociedade portugueza!

Elle erguia os olhos ternos, encarava ora um, ora outro dos seus algozes, e a cada olhar fixo arremeçado aos que o cercavam, os labios do misero entreabriam-se e murmuravam: *Tu quoque!?...*

O crime do pobre consistia em *ter falhado,—manqué;*—elle possuia todos os dotes que constituem na Parvonia um bom ministro: era pouco escrupuloso e tão deshonesto como qualquer outro.

Luctara porém com a Fatalidade: d'aqui um inferno de maldicções;—fôra vencido!—Em casos taes retira-se um homem á vida particular; o pobre insistiu, o numero de competidores era immenso; tratava-se de esmagal-os por um successo estrondoso ou de retirar a tempo: aquelles impollutos não admittem os meios-triumphos. O desgraçado cahiu justamente n'aquelle erro fatal: triumphou *à demi!*

A reacção foi temivel, e devia sêl-o. Pois que! quando tantos homens de provada traficancia; sem uma leve tintura de probidade; aptos para

exercerem os mais elevados cargos do nosso tempo, desde o de espião do governo até ao de galopim eleitoral; deshonestosinhos, puramente desvergonhados, sem mancha de pudor, tendo arremeçado a Consciencia ao monturo e cuspido sobre as reputações honradas; quando todos estes desherdados de preconceitos estendiam a mão á justiça das altas espheras vem aquelle insignificante collocar-se entre a mão supplicante e a justiça munificente... e *apanha!?* Não! mil vezes não!

Oh! não, desgraçado! Tu não tomarás chocolate comnosco! O teu halito, empestado pela má digestão dos petiscos do orçamento, não irá poluir o marmore lustroso e limpo da nossa mesa! Crê: não haverá misericordia! Tu não soubeste trepar té lá onde poderias cuspir sobre nós, ajoelhados em redor de ti; tu não passas d'um devasso de terceira classe, e tiveste o máo gosto de deixar cair a mascara aos olhos do mundo indignado! Ai de ti!

. . . .

Elles eram grandes: comprehendiam que se tornava urgente um protesto vingador; a socie-

dade começava a fallar no Baixo Imperio; *elles* aguardavam anciosos o terrivel momento e o momento chegou...

Não o deixaram tomar chocolate: foi uma explosão, um *schoking* universal! *elle* murmurava apenas o conhecido *Tu quoque;* ao longe ouvia-se tocar o Barba Azul; a cem passos de distancia um poeta lyrico confundia um gafanhoto com uma borboleta e fazia-lhe versos; dois policias civis namoravam as creadas do vizinho conselheiro, e a Lua pairava magestosa!...

A GRAÇA BARRETO

VIII. O livro fez escandalo, intitulava-se *L'Homme-Femme* e vinha pelos modos cortar nós Phrigios com supremo desembaraço e immensa galhardia. O filho do auctor do *Monte-Christo* parodiava o filho de Filippe. Estes Alexandres são temiveis!

Acima da questão do adulterio e das suas consequencias, sejam quaes forem, está a da emancipação da mulher, problema de cuja solu-

ção depende a de todos os outros ventilados no livro de Dumas filho; registremos o seguinte periodo, como base: «A emancipação da mulher, a sua renovação... são para nós palavras ocas de sentido; a mulher não póde ser emancipada como não póde ser renovada; o seu destino e as suas funcções estão desde a sua origem d'ella, estabelecidas e determinadas; não ha modificação possivel; o que importa é conhecel-as bem.»

Aqui é que bate o ponto. N'uma resposta de mulher (?) ao auctor do *Homme-Femme* vem a eterna apellação para o sr. Stuart Mill, cuja posição invejo por vezes, ante os olhares feminís, mas cuja responsabilidade não compartilharia por os olhares de todas as mulheres.

Lá está na defeza: «O amor deixando de ser o unico fim da vida da mulher, o unico meio de trocar o papel d'escrava do homem pelo de sua egual e mesmo sua senhora,—eis o que vemos na emancipação, etc.»

«A mulher sacrifica menos a esse *Deus perfido* e commette menos faltas por causa d'elle.»

Cá temos o *comico*, o *burlesco* até; cá temos a moralidade immoral! A anonyma leu muito

Dumas filho antes de refutal-o: *O Deus perfido!* Aqui é que não vae bem decerto, o divinal canto de Jahel:

> AMOR! eterno verbo Verbo de harmonia,
> Saudação á luz, canto de vida,
> Lei e força onde tudo principia!

E não vae bem porque o sr. Stuart Mill e M.me *** condemnam o *Deus Perfido* e preparam o bisturí e a alavanca...

Vamos por partes, e com cuidado n'este terreno escabroso: Tracta-se da *emancipação* como reforma da horrivel situação da mulher do povo? Abram-se os braços á grande idéa e trabalhemos! Dê-se á mulher pobre, sem marido, mais do que os recursos da mendicidade e da prostituição! Expulsem das lojas de modas, e quejandos estabelecimentos, aquelles sujeitos effeminados e ridiculos que seduzem parte do *feminino* com os seus encantos (sic); dêem-se á pobre mulher do povo aquelles logares: além d'uma questão de humanidade, póde ser uma questão de moralidade!

Mas, por Deus! Todos nós sabemos que é isto clamar no deserto. Os poderes publicos trac-

tam da espionagem legalisada e da creação de sinecuras para os espiões. A imprensa jornalistica... tem mais em que occupar-se. A burguezia explora e toma sorvetes...

Dumas filho não merece resposta, pelo que toca ao seu livro. Elle, que conhece as mulheres *predestinadas*, pelo *physico*, obriga-nos a acceitar de braços abertos o fatalismo turco. Depois... quem sabe se o auctor do *Homme-Femme* buscava no seu livro uma justificação aos effeitos dos seus livros!... Elle declinava a responsabilidade da profunda corrupção e da depravação geral sobre a fatalidade. Aquelle Balzac da decadencia appellou para a pena ultima applicada por um marido ultrajado, depois de ter poetizado o adulterio e ridiculisado os maridos, esquecendo ainda, além d'isto a theoria da *predestinação*.

A sua contendora anonyma, que bem podera figurar na galeria de Molière e que pertence pelos modos a um sexo hybrido e *indenominavel* que é dos tempos modernos, e para cuja gangrena não ha já ferro em braza que sirva de cauterio, não trouxe á arena da discussão mais

consciencia e boa fé do que Dumas filho; ella dará a lêr a sua filha os livros scientificos e prohibir-lhe-ha decerto *estas danças a que chamam polkas;* isto, exigindo que seu filho se *conserve virgem* até aos *vinte e um* annos e prohibindo-lhe que se case antes dos *vinte e cinco*...

Como já disse, ella não resistiu á tentação de citar o nome d'aquelle bemaventurado Mill, e, fallando de obras *muito sérias* que tem lido sobre o assumpto, esqueceu-lhe decerto passar um golpe de vista pela discussão do seu idolo com aquelle grande vulto de Auguste Comte.

Abandonando o campo puramente racionalista, citarei: — «Imperfeita como está ainda, a todos os respeitos, a biologia, parece-me poder ella já estabelecer solidamente a hierarchia dos sexos, demonstrando anatomica e physiologicamente, que, em quasi toda a série animal e sobre tudo na nossa especie, o *feminino* está constituido n'um estado d'infancia radical que o torna essencialmente inferior ao typo organico correspondente: [20]

....

[20] Vidè: *Auguste Comte et la Phil. Posit.* par Littré. 1864.

Isto vae como curiosidade e a proposito. Não nos demoremos n'este terreno. Cite-se porém um facto, e, tire d'elle as conclusões algum dos ferrenhos contendores do momento.

Uma pobre mulher condemnada por occasião dos ultimos successos de Pariz (communa, etc.) a ser fuzilada, disse ao ouvir a sentença: «E quem protegerá o meu filho?»

Eis um mundo!

Guilherme d'Orange, o *Taciturno*, o heroe da independencia da Hollanda, ao cair ferido pelo assassino, exclama: «Meu Deus, tende piedade de minha alma e *d'este infeliz povo!*»

Um mundo ainda!

Na hora suprema, como que se desatam aquelles espiritos em oceanos de uma luz infinda. A exclamação da infeliz é tão eloquente como a do grande homem cahido. Ambos viam aproximar-se na sombra o aniquillamento da sua augusta missão: a *mulher pensava no filho* por quem soffrêra; *o homem, no povo* por quem morria!

. . . .

O livro de Dumas filho não merece discussão; merece porém ser indicado como documento mi-

seravel da corrupção da nossa época. A defeza feminina passou além dos limites onde lhe era dado manter-se e invadiu o sempre irrisorio terreno da emancipação *bellico-doutoral*. A *critica* limitou-se ao sentimentalismo galante ou á verrina apaixonada. Mr. Dumas filho esfregou as mãos em signal de regosijo. As mulheres do povo, que não pedem cadeira em S. Bento e só sim o pão quotidiano, continuaram a trabalhar quinze horas por um tostão. A sociedade sempre previdente reserva-lhes o recurso da prostituição official.

Algumas, apezar da imprensa, recorrem ao suicidio; o jornalista severo condemna o acto vil, depois d'um bom jantar, e a moral triumpha...

A LUCIANO CORDEIRO

IX. Eu peço licença aos que o vulgo classifica de *ornamentos brilhantes* do jornalismo portuguez para dizer duas palavras sobre a questão do dia.

Trata-se da questão da imprensa. [21]

Eu tenho sobre isto de cousas jornalisticas idéas singulares, como sobre muitos outros assumptos de não menor importancia. Da exposição de opiniões minhas sobre alguns dos taes assumptos tenho colhido um resultado animador, que m'impõe, já agora, a obrigação moral de morrer impenitente.

Resultados que se traduzem por ataques traiçoeiros, por surdas resistencias, por calumnias abjectas, e protestos ridiculos, sahidos da sombra e na sombra elaborados.

Deixemos porém essas miserias e entremos francamente na questão.

Parece que se descobriram á ultima hora, graves escandalos na imprensa jornalistica lisbonense. Falla-se de annuncios amorosos; de annuncios de indigentes, pagos pelos proprios indigentes; de excessiva minuciosidade na descri-

[21] Reconstruem-se aqui tres folhetins d'uma folha lisbonense pouco lida e pouco conhecida. Crê o auctor que podem elles servir de documento para a historia do jornalismo portuguez e lavra essas linhas, crente em que o jornalismo consciencioso será o primeiro em applaudil-as.

pção de qualquer crime, de mercantilismo na imprensa, etc. etc.

Não sei, bem ao certo, se foi levantada a accusação tremenda pelo antigo jornalista e conhecido escriptor, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Creio que foi, pelo menos, provocada por elle a celeuma. Julgo competentissimo o accusador.

Olvidou, por ventura, o sr. Teixeira de Vasconcellos alguns factos que parte do publico desconhece e que convém tornar salientes.

Vou, em breves palavras, tentar preencher essa lacuna.

É de certo deploravel o programma adoptado pelo *Diario de Noticias* e muito para indignar os homens probos e rectos, o espectaculo dos 300 ou 400 annuncios com que aquella folha inconsciente nos mimoseia ao domingo; mas, creio que o sr. Teixeira de Vasconcellos partilhará da minha indignação ao pensar n'umas cartas fabricadas em Lisboa e datadas de.... Versailles, por exemplo, com que outros jornaes da capital mimoseiam os seus credulos ou incredulos leitores.

Applaudi o espirito encantador dispendido

pelo *Jornal da Noite* a proposito d'uma observação do *Diario de Noticias*, ácerca dos suicidios: propozera esta ultima folha a collocação de uma grade na muralha da Sé; acudiu aquella, lembrando a collocação d'uma outra grade na pedra d'Alvidrar, etc.

Parodiando o sr. Alberto de Queiroz, redactor da *Revolução de Setembro*, direi qne o espirito do localista do *Jornal da Noite* produziu em mim o effeito d'uma *cocega*.

Mas, produz em mim egual effeito o pensar em que o desejo de conservar a entrada permanente em qualquer theatro póde levar uma redacção a inserir noticias theatraes, escriptas pelo proprio punho dos empresarios do theatro.

Cresce em mim o effeito agradabilissimo ao pensar n'um facto ultimamente occorrido entre nós. Um collaborador de uma folha lisbonense, irritado porque uma empresa theatral qualquer não punha em scena as suas traducções ou imitações, encetou na folha em questão uma revista onde fulminava (sic) os pobres actores do infeliz theatro desprotegido.

'Ha mais e mais que dizer. Não desespero de

poder continuar a prestar os meus serviços ao sr. Teixeira de Vasconcellos e queira elle acceital-os cemo a homenagem mais respeitosa á sua lealdade e virtudes correlativas.

No meio da infrene devassidão condemnada pelo austero jornalista o sr. *Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos* e na contemplação d'estes pungentissimos espectaculos d'um mercanti lismo desaforado, é-me lenitivo a grandes dôres o poder tributar agradecimentos ao Omnipotente, que ao lado do grande mal colloca o remedio santo, que, depois de fundar (sem epigramma) o *Diario de Noticias*, envia a purificar estas perdidas creaturas, o venerando sacerdote da imprensa, que Portugal e a capital da França veneram, sob a pomposa denominação de *Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos*...

Eu condemno o programma do *Diario de Noticias:* creio que esta folha devia seguir os nobres exemplos de outras mais modernas e menos conhecidas; mas appello ainda uma vez para o conhecido jornalista o sr. Teixeira de Vasconcel-

los e supplico-lhe que apoie com a sua authorisada opinião o meu parecer sobre uma longa serie de factos que naturalmente se prendem ao assumpto.

O *Diario de Noticias* já soffreu do sr. Teixeira de Vasconcellos o castigo tremendo para os tremendissimos delictos. Apraz-me crêr que o conhecido jornalista, em sua infinita misericordia, deixará em paz d'ora ávante aquella folha, como sensatamente tem deixado em paz uns *rebeldes* bem dignos de castigo.

Volva os olhos o grande e excelso ornamento do jornalismo independente e recto de Lisboa, para este lado, e digne-se por um pouco seguir as minhas indicações, que só têem por fim submetter alguns culpados aos effeitos da sua justa indignação.

Uma folha lisbonense, assaz conhecida entre nós, e especialmente conhecida pelo sr. Teixeira de Vasconcellos, declarou ha dias não lhe permtttir a falta d'espaço a publicação de cartas de Thomaz Ribeiro.

Esta folha inseria ha pouco um artigo do sr. Jayme de Belem.

É a mesma folha que a uma esplendida prelecção de Anthero do Quental no Casino Lisbonense, oppoz, *apenas*, uma carta anonyma sobre *quolibets*.

É a mesma folha que em resposta a um folheto intitulado *A Communa — por um verdadeiro liberal*, só poude do alto da sua stulticia pedante, responder um *recebemos e agradecemos*.

É ainda a folha que insere folhetins de um pseudonymo *Christovão de Sá*, destinados a elevar ás nuvens o historiador (sic) Manuel Pinheiro Chagas, ao passo que, accusando a recepção d'um livro de Luciano Cordeiro, só julga digna da sua attenção a parte material do livro.

Faço um esforço para acreditar que *podia* fallar da obra.

E' o jornal que nos dá o auctor de *Gerfaut* como um *realista*.

E' o jornal que, parodiando aquelle estabelecimento de Londres sobre cuja entrada se lê: — Aqui se fabríca vinho do Porto, — póde mandar gravar sobre a frontaria do seu escriptorio: — Aqui se fabricam cartas de Versailles e d'outras partes ainda, a preços commodos —.

. . . .

O jornalismo não é isto, de certo; não deve sêl-o, pelo menos. O sr. Vasconcellos bem merece da patria, fulminando os vendilhões do templo.

Eu não quero procurar entre nós o jornal a seguir como modêlo: são tantos os que têem jus a tal distincção, que de certo eu provocaria reclamações.

O que são os jornaes francezes contemporaneos disse-o aquelle bello espirito de Karr.

Decerto não irei buscar como modêlos os periodicos francezes da restauração, nem ainda os de tempos ulteriores. Assim nem ainda poderei oppôr á folha patriota *La Bouche de fer* a *Lanterne magique nationalle*, não me merecem mais consideração como modêlos, o *Ami du Peuple*, o *Père Duchesne*, e o *Deffenseur de la Constitution*, do que *Les actes des apôtres*, ou *Le Journal des Halles*, ou ainda *Le Journal de la Cour et de la Ville*.

Os jornaes romanos conhecidos por *Acta Diurna*, escrupulosamente *vigiados*, segundo Dion Cassio, pelos imperadores Tiberio e Domiciano,

no tempo d'estes soberanos, se, posteriormente á morte dos seus *augustos* revisores, lançavam sobre elles um chuveiro de maldições, tinham a condemnal-os a covardia insigne com que se prestavam a ser muitas vezes o orgão da tyrannia, e, seja dito em áparte, que não sei se mais condemnavel é o procedimento dos que em logar da adulação por temor exercem a adulação por interesse.

Não irei pois buscar modêlo jornalistico á Roma antiga, nem á Inglaterra, desde o *English Mercury* de 1588 até ao *Times* de 1872, nem á Italia desde as *Gazettas* de Veneza até á *Gazetta d'Italia* dos tempos modernos.

O jornal modêlo, a Phenix jornalistica, forte pelo triplice dom da *sciencia*, da *consciencia* e da *austeridade* do seu fundador, só póde ser iniciado entre nós pelo conhecido jornalista o sr. Teixeira de Vasconcellos.

Já agora continuarei no proximo numero: merecem-me este trabalho a grandesa do assumpto e o respeito e veneração pela lealdade do sr. Teixeira de Vasconcellos e virtudes correlativas.

Eu indiquei já como symbolo da decadencia jornalistica uma folha lisbonense.

Apontei factos que, por vezes, me dispensaram de citar o nome da folha em questão.

Fique em todo o caso declarado que alludi ao *Jornal da Noite*.

Prosigamos:

Disse um dia aquelle grande vulto de Royer-Collard:— «Actualmente o jornal é, antes de uma instituição politica, uma necessidade social.»

Monseignat, no prefacio de um livro curioso sobre o jornalismo da Revolução, (1789-99) diz:—«O jornal é necessario aos homens do nosso tempo como aos romanos os espectaculos do circo.»

Eu creio que podemos applicar á nossa época e ao nosso povo estas palavras, com ligeira modificação.

Decerto crê comigo o sr. Teixeira de Vasconcellos. que é outra a missão da imprensa. Quando um leitor de jornaes diz: Vejamos quantas mentiras diz a *Gazeta de tal;* quando um outro diz ainda:—Eu leio o *Jornal d'algures* por causa dos annuncios; quando se acha estabelecido,

como fazendo parte de uma palestra, o systema de accusar a insciencia de uma folha, a inconsciencia de outra, e a venalidade de terceira, só resta ao jornalista independente e honesto cobrir o rosto, se o desalento lhe prohibe o protestar.

Guarde-me Deus de accusar de excessiva severidade tal ou folha! No tocante á critica litteraria é de ordinario benevola a imprensa. Homero não teria ali um Zoilo; nem Molière um Visè; nem Shakespeare um La Harpe, ou um Voltaire, ou um Rhymer, ou um Driden; nem Eschylo um Saumaise; nem o Dante um Chaudon; nem Milton um Trublet; nem Calderon um d'Alembert; não! entre nós a *critica (?)* é terrivel: *guarda silencio...*

É-se forte; entra-se aqui sem zumbaias; sem hypocritas cortezias; crê-se que o Justo, o Verdadeiro e o Bello não são *adjectivos com letra maiuscula*, como lhes chama o sr. Pinheiro Chagas; conta-se com o auxilio dos sacerdotes do jornalismo; diz-se lealmente o que se pensa; a *irreflexão* levou porém o audacioso neophyto a beliscar a vaidade do sr. F***, amigo do redactor principal do *Diario****, e ainda o sr. G***,

compadre do revisor do *Jornal**** — consequencia: o miseravel é banido; é riscado da lista dos viventes; é condemnado ao olvido apparente, porque a honra dos compadres e amigos desaffronta a dos amigos e compadres...

Sabe isto melhor do que eu, o sr. Teixeira de Vasconcellos; sabe tambem que sahindo do campo litterario para entrar na parte *politica*, encontramos a justificação d'aquelle dito de Hugo: «*La diatribe est, dans l'occasion, un moyen de gouvernement.*»

Recordarei ao sr. Teixeira de Vasconcellos um periodo do *Le Monde marche* que começa por: «*Vous faites votre entrée dans la vie politique par la grande porte de l'election*», etc.; pedirei licença para applicar aos *jornalistas aspirantes a ministros* alguns trechos do citado periodo e submettel-os-hei á apreciação independente do sr. Vasconcellos.

Prenez place sur un de ces bancs d'attente, à égale distance du pouvoir et de l'opposition. Menacez et rassurez en même temps la couronne. Etalez votre parole comme une fille à marier, coquette e prude à la fois, la pudeur dans le re-

gard et le bouquet sur l'oreille. Tonnez en temps opportun contre l'excedant de dépense. Gémissez sur le droit de visite. Intriguez dans la coulisse et attendez l'événement, vous tenez déja votre portefeuille.

Um parenthesis:

(Eu creio que é praxe, entre nós, salva-guardar com uma advertencia as excepções, quando atacâmos um corpo collectivo. Fique pois registrada a advertencia, applicada pela opinião publica aos innocentes e incorruptiveis.)

Prosigâmos:

Na parte *noticiosa*, vê como eu, o sr. Teixeira de Vasconcellos, a mentira, a adulação servil; a ausencia completa de critica; a alteração acintosa dos factos; o impudor; a stulticia; o atropellamento do bom senso; a paixão mesquinha; o interesse sordido, etc.

O *veredictum* da opinião publica, incorruptivel quasi sempre, manifesta-se pelo indifferentismo. Assim, paira sobre o jornalismo a desconfiança perpetua. Consumam-se os escandalos mais torpes e as maiores iniquidades: o protesto existe, mas verbal. Nada que atteste as infa-

mias praticadas! Nada que registre os escandalos perpetrados! Nada que esclareça as gerações de ámanhã sobre o nosso trabalho e sobre os nossos erros!

É o jornalismo revelação do *meio* social? Este produz aquelle? E' o segundo modificado e preparado e conduzido pelo primeiro? Não será a imprensa mais do que o registro de uma evolução, como a litteratura em geral?

A exemplificação não resolve o problema. E' ella tambem modificada pelos contendores. Não sou fatalista até ao ponto de prégar o *dolce far niente*. Não creio que possâmos declinar a responsabilidade dos nossos actos sobre a influencia dos *meios*.

Não reclamo gloriolas. Exijo solidariedade.

....

O indifferentismo pela imprensa da parte mais illustrada dos leitores, não exclue a influencia nefasta de uma propaganda inconsciente sobre as classes onde a escassez de critica predomina. O homem do povo vae procurar n'essas fontes impuras a noção do direito e do dever. A accusação que sobre elle pesará mais tarde pela in-

terpretação falsa do evangelho social, deve recahir sobre os apostolos da mentira e do erro. O elogio constante aos devassos de todos os partidos, pelos orgãos d'esses partidos; a exploração *espirituosa* dos delictos de toda a casta; o sangue-frio revoltante na enumeração dos crimes mais atrozes; o mercantilismo abjecto estabelecido como programma; a collocação da imprensa ao serviço de vinganças pessoaes; a escassez absoluta de competencia que implica a imposição de conhecimentos encyclopedicos a qualquer localista; — eis o quadro!...

Eu sei que pouco se ganha em clamar n'este deserto. Anima-me, porém, a idéa de que *isto ficará.* Registro incompleto, incorrecto talvez, desordenado emfim, de uma tentativa de regeneração, a mais urgente e a mais efficaz; regeneração que só tem a condemnal-a na sua origem o *excesso de lealdade do sr. Teixeira de Vasconcellos e das virtudes correlativas* do antigo jornalista.

Nada mais.

RESPOSTA A UM ANONYMO

X. Cumpro hoje a minha promessa: vou responder-lhe, evitando citar um unico periodo, sequer, da sua carta. Obrigam-me rasões que não desconhece, a fazel-o. Avultam entre ellas—o mal disfarçado do seu estylo, que póde ser reconhecido, e a facilidade que ha em expôr aqui as ideias suas, separando-as d'uma ornamentação perigosa, por varios motivos.

Eu sei que aquelle bom talento de Pontmartin, do odiento e invejoso Pontmartin,—deixe-me dizer-lhe tambem,—disse: «Valem mais do que os rapazes que derribam estatuas aquelles que as erguem»; sabia-o desde muito, e, digo-lhe do fundo d'alma que lamento vêr reproduzida em Portugal a blasphemia do auctor das *Causeries litteraires*,—citada pelo senhor, em particular.

Em primeiro logar, Pontmartin começa o estudo a que allude pela apologia de Gustavo Planche; não podemos admittir a admiração pelo severo critico do *Jornal dos Debates*, da parte de Pontmartin, a partir d'um determinado periodo:

o que está estabelecido é o seguinte: Pontmartin admirava Gustavo Planche, aquelle Planche, *demolidor* eterno, de quem disse Veuillot:

> *Oui, Planche aurait pu mordre au pâté Montyon:*
> *S'il s'agit de talent c'est autre question.*

e tal admiração desauthoriza-lhe a opinião *ad hoc*, a que o senhor allude.

Como que se penitenciava o auctor das *Causeries* das suas injustiças e das suas miseraveis aggressões contra Balzac e Gautier e Maxime du Camp, e das suas bajulações a Cousin, o infeliz explicador de Kant. É sabido que o escriptor inconsciente tem ordinariamente d'estes desastres: é que a Critica não é instrumento de vinganças mesquinhas e torpes; alenta, illumina, fortifica. Por cá não é vulgar comprehender-se isto e não falta o apedrejamento aos que comprehendem.

Accusa-me pois o senhor—de *demolir*, e diz-me que—bom fora, que eu, como tantos outros, aproveitasse *etc.* na elaboração de trabalhos de utilidade reconhecida.

Eu bem pudera deixar de responder-lhe publicamente, mas prometti fazel-o e cumpro gostosamente a minha promessa que me permitte

responder a objecções eguaes ás suas; por vezes hei tentado explicar o meu trabalho; vejo com pesar que hei sido infeliz na *exposição*. Tentemos remediar isto.

Aquillo que denomina o meu *systema*, não é, como parece julgal-o, um systema preestabelecido d'aggressão acintosa e inconsciente. Não é. E' um plano friamente concebido e resolutamente levado a cabo. E' certo que não tem faltado reprovação, mas não teem escasseiado os applausos, e, deixe-me dizer-lhe que distingo os applausos dictados por más paixões satisfeitas e os que só provoca o sentimento do Justo.

Mas, póde dizer-me que a questão não é de applausos, nem de reprovação. D'accordo! E' questão de Direito, apenas, se nos conservarmos n'este campo limitado da analyse. Synthetisemos: é mais alguma cousa.

Acha *mau* este riso; diz-me que não rio *bem;* que o meu estylo é *convulso;* que mostro o *punho cerrado* aos leitores; que, emfim, me dedico mais a *deprimir do que a elogiar*, e que o *elogio* constitue tanto a critica, isoladamente, como a *censura.*

Eu explico:

Não rio bem, porque não póde rir bem o homem indignado, quando, demais, não ultrapassou os pobres vinte e dois annos, por mais cheios de fel. Póde ser questão de temperamento; é-o talvez. Comprehendo, sem poder explical-as, as primeiras palavras d'aquelle immenso Rabelais: «*Buveurs très-illustres.... à vous, non à d'autres, sont dediés mes ecrits*», mas não *poderia* adoptal-as para o meu livro.

Posso começal-o porém, com as de Montaigne: «*C'est icy un livre de bonne foy.*» E' o principal, creio.

Se disse um dia que tencionava rir, não me arrependo: eu ia fallar de cousas a um tempo irrisorias e tristes. Sem tendencias para o papel de Heraclito, não pude todavia sustentar o de Democrito: havia muito sobre que chorar: d'aqui o estylo *convulso*.

Lá *cerrar os punhos*, isso não! E' certo que os tenho visto em attitude ameaçadora, mas, eu contava com isso e mais ainda, desde o dia em que me propuz dizer o que sentia. Que digo? Contava com mais, e ergo todos os dias ao Ceo

os braços em adoração, porque *ainda não* fui apedrejado...

Que seria mais *commodo* fazer maus versos, e peiores folhetins, e traducções *soi-disant* «elegantes», creio-o; viveria em paz; não soffreria os effeitos do *mao olhado;* figuraria *pacatamente* nos folhetins semanaes dos srs. Vidal e Christovam de Sá; teria obtido,—oh ventura!—uma carta do sr. Castilho e, talvez, quem sabe?—oh Jupiter!—o habito de S. Thiago, e alguma cousa do Cruzeiro...

Perdôe a falta de *sizudez*....—creio que é o nome que dá áquillo;—parece-me que é ainda a tal questão de temperamento que me obriga a estes desvios. Já agora conto morrer impenitente; aprecie a minha franquesa.

Dizia-me ha pouco um dos nossos primeiros homens de lettras, sem illusões: — «Creia F...: dentro em dois annos estará tão devasso como qualquer outro (dos que o são). E' urgentissimo isto; d'um lado ha as necessidades, do outro os exemplos; salvo o caso de não receiar o sugeito ser apontado a dedo como idiota, tem de transigir.»

Isto é doloroso, meu caro senhor, mas ha aqui um mundo de verdade; quem sabe se o senhor, que me lança em rosto os meus *excessos* não os teria applaudido ha dois annos, ou menos ainda?...

Não nos transviemos porém, nas dissertações e abreviemos isto.

Censura-me por *demolir* e não *erguer* e vai buscar o pobre do Pontmartin como auxiliar. Não fez bem.

Erguer?! Erguer o quê? Não falta quem erga entre nós.... castellos de cartas, pelo menos. O que falta é *demolir;* ha de terminar por convencer-se d'esta verdade. Se houvesse mais cuidado na *demolição* não veriamos erectos tantos padrões da nossa vergonha e tantos documentos da nossa profunda decadencia!

Erguer? — *O Carrasco de Victor Hugo*, como o sr. Camillo Castello Branco. *O Segredo da Viscondessa*, como o sr. Pinheiro Chagas? São esses os homens que o senhor indica; serão essas obras os modêlos a seguir? Ora vamos! Mais respeito pela Arte!...

Decerto não lhe passa pela mente a ideia de

indicar, como exemplo a seguir, os homens *condemnados* pelo sr. Meyrelles, portuense: os Theophilos, os Coelhos e os Cordeiros! Não ouso crer que applaudio o apedrejamento ao primeiro e a guerra traiçoeira de que são *victimas* (sic) entre nós, mas um homem sensato, como me parece ser, não póde importar-se, de leve, sequer, com homens de quem não fallam os folhetinistas lisbonenses.

Porque é um facto indiscutivel, este: não se é homem de lettras para os habitantes da Parvonia, sem a consagração do *Martinho* e dos folhetins domingueiros. Agora mesmo acabo de passar dez minutos de assombro: imagine que um benemerito hespanhol cujo nome olvidei e não indagarei decerto, publicou um livro de critica bio-bibliographica, cujo titulo não me occorre á mente, onde a par de nomes conhecidos... no Martinho, apparece o de Theophilo Braga desconhecido n'aquellas regiões.

Crê-se que o douto professor de litteratura não chamará aos tribunaes o audacioso hespanhol,... por esta vez.

Comprehenda bem e transmitta, porque tar-

de darei novas explicações: eu não me fanatiso pelos nomes, por mais respeitaveis; respeito o trabalho onde elle existe. Existem nomes, é certo, que são para mim inviolaveis: é que eu não condemnaria aquelle grande vulto de St. Just, talvez o maior da Convenção, pelo simples motivo de elle ter escripto o poema *Organt*, como fez aquelle imbecil sr. Edouard Fleury; deixeme respeitar o que é respeitavel, meu caro senhor! O nome é para mim inviolavel, disse eu, mas quando posso julgal-o o symbolo do trabalho sério e austero. Emquanto aos fabricantes de bugigangas, desculpe-me, mas considero-os verdadeiros inimigos da patria, indignos de compaixão.

Agora deixe-me dar-lhe um conselho, em troca do seu interesse por mim: siga outro caminho, que não o das cartas anonymas; quando notar que commetti uma injustiça, flagelle-a publicamente; quando lhe parecer que descobriu um erro crasso, uma leviandade imperdoavel, uma contradicção absurda, apregôe bem alto aos quatro cantos da terra o absurdo e a leviandade; fulmine sem compaixão; não receie ser feroz; seja feroz!...

É melhor e mais digno, e é mais moderno, mais da mocidade; deixe lá para a gente d'hontem e para os moços-velhos esses maus costumes: não se preverta!

Se tiver alguma duvida, depois d'isto, sobre a minha sinceridade, informe-se e terá de beijar-me as mãos...

Entretanto, beijo-lhe as suas pelo ensejo que me facultou de dizer estas palavras. Nada mais direi.

XI. Ia tudo bem. Reinava a mais santa fraternidade e a mais completa coherencia. Em litteratura: insultava-se Theophilo Braga e suspiravase com o sr. Vidal. Em politica: não reinava o sr. Antonio de Vizeu, mas reinava o sr. Fontes. O sr. Barão do Rio Zezere era considerado um estrategico. Os padres Grainhas queimavam o *Papa-Rei e o Concilio*. O sr. Vidal era nomeado membro da Academia. O sr. Teixeira de Vasconcellos publicava a *Ermida de Castromino*. O sr. Pedro d'Alcantara caloteava, com applauso publico. O sr. Marquez d'Avila supprimia as *Conferencias Democraticas*. O *Jornal da Noite*

descobria *um segundo Balzac* por nome Charles de Bernard e fulminava a *Internacional.* O sr. Christovam de Sá descobria uma primeira actriz chamada Emilia Adelaide. Discutia-se o regulo de Cabinda. O sr. Desforges fazia folhetins. O sr. Chagas escrevia a *Helena.* O sr. Vidal descobria o *realismo honrado.* Pedro d'Alcantara comprava maçãs. O sr. Castilho insultava Goethe. O sr. Teixeira do Vasconcellos publicava os *Papeis Velhos.* O sr. Camillo insultava Theophilo Braga. O governo *buscava o inimigo.* Lisboa lia o *Homme-Femme.* O *Primeiro de Janeiro* existia. O sr. Chagas traduzia o *Rabagas.* Portugal decifrava enigmas. O *Diario Illustrado* não era um mytho.

Eramos coherentes, emfim.

Julgavamos sêl-o, pelo menos.

Um dia o sr. José Carlos dos Santos descobrio uma notavel incoherencia:

—O theatro de D. Maria II era ainda um theatro; um templo da *Arte;* havia ali sacerdotes da grande deusa; estava ali a grande sacerdotisa!

Urgia supprimir aquillo...

Conspirou-se.

Deram-se as mãos os intrigantes de bastidor, as nullidades da Arte, os vendilhões do templo e os intrigantes de secretaria.

Foram expulsos pelo actor José Carlos dos Santos, do theatro ex-normal, a rainha da scena portugueza e os primeiros actores portuguezes...

Emilia das Neves, Rosa Junior, Polla e Pinto de Campos lá foram transportar o templo da Arte para o velho theatro do Gymnasio, berço de tantas glorias.

O sr. José Carlos dos Santos foi um homem da sua epoca; foi um homem do seu paiz...

Hoje, que as mediocridades acharam na indifferença publica o castigo d'uma audacia irrisoria; hoje, que a opinião publica se penitenciou de antigos erros e d'immensos desvarios por imponentes manifestações em pró do que é nobre e grande; repetimos às palavras d'hontem:

—Emmudecem os pigmeus da Arte e os seus partidarios ante o grande vulto de Emilia das Neves; n'esta admiravel actriz sobrevive o genio das Rachel e das Lecouvreur; não ha occaso n'este

dia eterno de triumpho; é antes, porventura, uma eterna e esplendente aurora. Ha n'aquella artista o genio sereno da tragedia antiga e a paixão impetuosa do moderno drama! Alliança portentosa de Eschylo e de Hugo, ou antes: de Eschylo II e de Shakspeare, o antigo; connubio formidavel e uberrimo que faz o desespero das nullidades ruins excitadas pelas ruins consciencias!

Sahiu do theatro das suas glorias, onde fôra gloria da Arte nacional, a sublime actriz. Mal enxergâmos hoje no tablado, onde saudaramos aquelle vulto magestoso,—os vultos microscopicos que nos indicaram como seus successores! Áparte aquelle formosissimo talento de Virginia, só vêmos a imitação ridicula e os assomos de vaidades irrisorias!

O nome do talentoso actor José Carlos dos Santos ficará na historia da arte nacional como um symbolo,—o mais completo, talvez,—da mais triste decadencia.

D'este canto modesto, onde saudâmos o que é verdadeiramente grande, erguemos mais uma vez a humilde voz, para uma saudação reverente:

Salvè Emilia!

XII. Não sei quem affirmou ha pouco entre nós que—sem o estudo das *sciencias naturaes* não ha escriptor possivel. Disse-se.

Swedenborg e o auctor do *Espirito das Cousas*,—Saint-Martin,—podem reclamar, com igual direito, pelo menos;—diga-se tambem.

A affirmação a que alludo veio a proposito de Balzac. Nos ultimos tempos tem-se fallado muito do auctor da *Comedia-Humana*, entre nós. Não se sabe bem ao certo o que motivou esta subita revolução no bom-senso e no sentimento esthetico do nosso povo. A verdade é que se falla em Balzac.

Eu disse o *sentimento esthetico;* porventura eu érro: quem sabe se os que nunca lêram o aucto do *Père Goriot* são os que a miudo o citam?... Mysterios da Parvonia!...

A proposito de Balzac vinham bem as sciencias naturaes e vinha bem Swedenborg a proposito do auctor da *Seraphita;* mas, não basta isto: Balzac foi o creador excepcional e uma excepcional creação. A sua *Comedia Humana* bastará a delatar no futuro,—como diz um dos seus criticos,—todos os progressos da moderna civi-

lisação nos costumes domesticos, na vida publica, nas sciencias naturaes, nos sentimentos da consciencia, nas paixões mais occultas e tenebrosas; elle não deixou aos *especialistas*, que por ahi topâmos, a desculpa de, sob o pretexto da sua *especialidade*, serem crassamente ignorantes em *tudo o mais*. Foi encyclopedico. Elle sondou os páramos do coração humano nas suas miserias profundas e na sua profunda corrupção. O seu trabalho espantoso tarde será entre nós devidamente apreciado: por emquanto estamos em Ponson e nos oitenta volumes do sr. Camillo.

Isto veio a proposito dos escriptores *impossiveis sem as sciencias naturaes*. Os auctores da singular e irrizoria affirmação não pensam decerto em firmal-a em bazes solidas e, emquanto á exemplificação, deixam-n'a aos que pensam de diverso modo. Seja!

Vêde na galeria dos *inuteis* de Hugo: — Homero, Job, Eschylo, Sophocles, Plauto, Terencio, Horacio, Catullo, Juvenal, Persio, Petrarcha, Dante, Cervantes, Lope de Vega, Shakspeare, Camões, Marot, Regnier, Aubigné, Milton, Corneille, *Molière*, Racine, Boileau, Voltai-

re, Diderot, Beaumarchais, Chenier, Klopstock, Schiller, Hoffmann, Byron, Musset, Dumas e Lamartine; vêde o proprio Hugo! Que d'entidades nullas!...

Agora permitti-me que transcreva duas linhas do homem da *Lenda dos Seculos* a propozito do *desdem* (sic) dos *homens praticos* por aquelles inuteis:

—«Quando o *aplomb* d'um idiota chega a attingir taes proporções (as do *desdem*) deve ser registrado.»

Registrêmos tambem.

Tomai cuidado, vós outros, ultra-*positivistas*, —e dou á palavra um sentido que nada tem com o de Littrè e Comte;—tomai cuidado, apedrejadores do espirito! O bisturí não basta; prefiro em ultimo cazo o *illuminismo;* cuidado com os Pocquelins!

Tal sugeito, lendo as idealizações adoraveis d'aquelle chorado Julio Diniz, julgou ver o *medico* em creações como a de Jenny; pareceu-lhe que bastava o quinto anno da escola de medicina para escrever a *Pelle de Chagrin* do grande Honoré. Tem sido um inferno de abor-

tos litterarios e de pneumonias fataes, nos ultimos tempos!

O abuso da *anatomia applicada ao genio* tem sido prodigiozo; já não existe o *quid* divino, seja! mas aquelle pobre Dante que conheceu tanto a medicina dos Asclepiades como a eschola de Cós, sempre vale um pouco mais na historia da humanidade do que Harvey e Carus!—Isto sem embargo de ter apparecido um jury litterario que chamou á *Divina Comedia* a «apologia de Beatriz»...

Estas miserias não são da nossa época; são do nosso paiz: sirva isto de consolo aos que pensam e luctam; nas regiões serenas da Arte e da Ideia não vão bem as nacionalidades; não ha pois logar para as carpideiras nacionaes em face da accuzação aqui lavrada; que não venha o patriotismo alvar e inconsciente estorvar-nos no caminho da Verdade!

XIII. Não sei como se organizam estas resistencias surdas, por ventura inconscientes, mas inevitaveis, contra o trabalho serio, austero e profun-

do, que por ahi surgem, á luz do dia sim, mas elaboradas na sombra, ora a coberta do anonymo cautelozo, ora abrigadas á sombra de nomes que excluem a ideia da imputação e que despertam o sorrizo no rosto menos prazenteiro e menos dado a farfalhices!

Nem eu curo de saber que abençoada cabeça produziu e que abençoadas mãos delinearam o conjuncto de torpezas, inferior ao de disparates, que motiva as linhas que vão lêr-se.

Isso é uma questão secundaria e que só incidentalmente podera ser tractada.

Vamos ao assumpto.

Um dia appareceu no *Diario Popular*, de Lisboa, um communicado-protesto, — anonymo, já se vê,—ácerca de algumas linhas consagradas por Theophilo Braga ao *sr.* Varnhagem no seu livro *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*. (pag. 139.)

O auctor do *protesto* declarava que *por espirito d'equidade e pela honra das lettras (sic) consignava uma clamoroza injustiça, etc.*

A injustiça consistia no seguinte correctivo applicado pelo historiador portuguez ao *sr.* Varnhagem:

«Pela leitura do livro de Varnhagem (*Da Litteratura dos livros de Cavallarias)* vê-se que está atrazado na sciencia; está como no tempo do Panorama; a sua *personalidade* occupa-o mais do que os problemas litterarios que ignora, passando por elles com uma superciliozidade de diplomata de uma côrte em que a falta de *senhoria* é mais revoltante de que comprometter a verdade.»

Historiêmos:

A proposito d'um livro publicado em 1849 pelo sr. Francisco Adolpho Varnhagem, sob o titulo—*Trovas e Cantares de um Codice do Seculo XIV: ou antes mui provavelmente o Livro de Cantigas do Conde de Barcellos*, formulou Theophilo Braga no seu livro *Os Trovadores Galecio-Portuguezes* algumas observações; resultando da apreciação feita pelo escriptor portuguez os evidentes erros historicos, que não impedem todavia, a correcção dos defeitos da edição de lord Stuart na parte bibliographica.

A pag. 97 diz Theophilo Braga: «Durante a sua estada em Hespanha, Varnhagem descobriu uma antiga copia do *Cancioneiro de Roma* em

poder d'um grande de Hespanha... extrahiu d'ella em 1857 uma nova copia que em Roma, em 1858, confrontou com o exemplar n.º 4803 da *Bibliotheca do Vaticano*. Em todo este trabalho, Varnhagem procedeu com uma honradez invejavel e com uma profunda probidade litteraria, etc.»

Varnhagem transcreveu estas linhas em um folheto intitulado: *Theophilo Braga e os antigos romanceiros de trovadores* e teve o cuidado de collocar em seguida ao seu nome o significativo *(sic)*; este signal ironico era nada menos do que um *protesto* contra a ausencia do «*Sr.*» ao lado do seu nome! Além d'isto Varnhagem não se esqueceu de reclamar d'um modo mais positivo.

De resto, o folheto de Varnhagem tem por fim declarar que *só Deus é perfeito* e dar-nos uma variante d'esta affirmação, a pag. 23, capaz de fazer subir o rubor do pejo á cara d'um beleguim eleitoral...

No seu livro: *Da Litteratura dos Livros de Cavallaria*, diz Varnhagem n'uma carta-prologo: «V. bem sabe que não sou eu dos que escrevem sem ter que dizer de novo, etc.»; d'este

prurido de *novidades* que em tempo o levou a apresentar-se como guia de Frederico Diez, a proposito da canção n.º 140 do *Livro de Cantigas*, resultaram as paginas desgraçadas sobre o cyclo carlovingiano e a interpretação quasi irrisoria das allusões da *Menina e Moça* de Bernardim. Pelo que toca ás primeiras, podemos notar ainda a leviandade que presidiu á sua elaboração, pela leitura da *romanização das epopeas germanicas pelo genio galla-franko* a pag. 208-257 das *Epopeas da raça Mozarabe* de Theophilo Braga; na parte que diz respeito á interpretação da *Menina e Moça*, bastaria a historia dos amores de Bernardim com *Joanna a Douda* para demonstrar cabalmente a originalidade de Varnhagem nas suas affirmações. (Vidè *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, pag. 136, etc.)

Depois de buscarmos as bases para a demonstração do atrazo scientifico de Varnhagem, igual á sua immodestia petulante, convem não esquecermos o seu defensor anonymo que deu origem a estas linhas.

Elle, o analphabeto, não discute o facto de

ter ou não o auctor da *Historia da Litteratura Portugueza* derramado uma luz nova sobre o vulto quasi desconhecido de Bernardim; não defende as banalidades de Costa e Silva, nem as leviandades de Garrett; não sancciona a carta do licenciado Alvaro Annes, nem a relação da bibliotheca real, publicada por Herculano no *Panorama;* reunindo ao completo e vergonhoso desconhecimento do assumpto umas pretenções curiosissimas a censor austero e consciencioso, diz:—«Quem não conhecesse os precedentes, pasmaria ante um tal *specimen* de critica litteraria, porém conhecendo-os, não verá em tudo senão um fraco desafogo, etc.»

Pasma a gente diante d'este abysmo; occorrem á mente recordações dolorosas e sinistramente ridiculas a um tempo: lembramo-nos de uma guerra traiçoeira, de uma intimação aos livreiros, de pão roubado, de apedrejamento pago, de calumnias, de abjecções de toda a casta, de conspirações de silencio idiota, depois das ovações inconscientes; de muitas e bem tristes miserias, de grandes e sinistras perseguições!...

Quem sabe, emfim, se áquelle pobre anony-

mo foi grande sacrificio o tripudeamento sobre a consciencia derribada e se rasões que desconhecemos não absolvem o desventurado dos seus ataques ao bom-senso e á justiça?...

Este viver do indigena europeu é cheio de mysterios!...

XIV. O sr. Joaquim de Vasconcellos, benemerito auctor de *Os Musicos Portuguezes*, acaba de publicar um volume de 600 paginas intitulado *O Fausto de Goethe e a traducção de Castilho*, sobre o qual a imprensa portugueza guardou um silencio ultra-significativo.

Permitta-se-me que registre uma opinião do sr. Vasconcellos e que a adopte como divisa:

É—que tão condemnavel devemos julgar o *fetichismo* pelos moços como pelos antigos.

Estabelecido isto, prosigamos.

Não sei ao certo, nem curo de saber quaes os livros, muitos decerto, que o sr. Vasconcellos folheou antes de escrever o seu livro. Sei apenas que se ufana de tel-os compulsado.

Bom é que alguem possa ufanar-se de tal

n'esta terra onde, já agora, as bibliothecas são previlegio de poucos, para simples distracção.

O que posso affiançar ao auctor do *Fausto de Goethe, etc*, é, que tenho sobre a meza, ao escrever estas linhas, apenas quatro ou cinco livros sobre o assumpto e que não citarei mais do que esses.

Está aqui á mão, em primeiro logar, a traducção, ou antes—o sacrilegio do sr. Visconde de Castilho; mais: o livro do sr. Vasconcellos, a *Bibliographia Critica* do sr. Adolpho Coelho, a *Philosophie de Goethe* de Caro, a traducção de Blaze, e *Le Faust de Goethe* de Blanchet.

Com taes materiaes é impossivel *um artigo critico*, mas é permittido *uma noticia*. Dal-a-hei.

Não sei quem disse,—creio que a redacção do *Partido Constituinte*,—que no livro do sr. Vasconcellos existia um lado condemnavel: a severidade, ou couza peior, da linguagem do critico para com o sr. Visconde de Castilho. A opinião do critico do sr. Vasconcellos póde ser *uma opinião*, mas, como facto isolado não tem importancia.

Como insinuação, que parece ser, merece resposta immediata; tanto mais que um jornal qualquer, mercantil, destinado a ser lido pelos admiradores brazileiros do sr. Castilho e publicado em Lisboa pelo sr. A. de Castilho, com o titulo de *Brazil*, que esse jornal, digo, deu-nos em artigo de fundo a *horrivel* (textual) noticia de dar o sr. Visconde por finda a sua carreira litteraria, em vista da *critica pouco leal* que tem soffrido nos ultimos tempos.

Pelos modos, a critica séria e digna era a de Jozé Agostinho de Macedo, quando arremeçava á cara de Pato Moniz um epicedio do sr. Visconde!

A critica leal consiste nas cartinhas preambulares do sr. Visconde e nos folhetins alambicados dos seus meninos, na guerra traiçoeira aos que trabalham, no apedrejamento pago, no pão roubado aos adversarios, no silencio covarde, nas replicas anonymas do sr. *Roque da Fonseca*, admiradas pelo vizinho confeiteiro, nos artigos do sr. Camillo no *Commercio do Porto*, em portuguezissimo bordalengo, e nas parvoiçadas, em local, de determinadas e sapientes folhas jornalisticas!...

Seja!...

Discordo do sr. Vasconcellos em trez pontos, em quatro, digo, que me lembre, e, uzando da diviza que me concedeu e que regeita a idolatria pelos moços, direi a razão do meu dicto.

Em primeiro logar, o sr. Castilho estava condemnado por todos os homens de boa fé,—note que não digo *os escriptores* de boa fé,—existentes em Portugal; sabia-se que o distincto metrificador, sem dignidade de pensamento, e sem ideia do sentimento e da poezia, comettêra um attentado inaudito ao erguer a mão para o monumento do gigante de Weimar; a cella do doutor *Fausto* não era uma choupana de *Sganarello; Mephisto* não era um *Leonardo; Margarida* não era uma *Martinha*; Goethe consubstanciára a idade media n'um individuo e o assombrozo monumento que eregia á admiração dos seculos era vedado, desde a sua edificação, aos rapsodistas de Florian.

O livro do sr. Visconde estava, portanto, abaixo d'uma analyse critica e não merecia uma refutação estrondoza.

Fallando da critica de Graça Barreto, escreve o sr. Vasconcellos:

«Diz ainda Graça Barreto: *Eu, indignado mais pela arguição feita a Goethe do que pelo crime da traducção*... e d'ahi parece que o segundo attentado é para o critico secundario.»

Aqui, divirjo completamente.

Disse o sr. Graça Barreto: «o sr. Castilho propozera-se a traduzir Goethe, couza que todos os homens de boa fé litteraria tomaram logo por impossivel, etc.» Ora, para o sr. Graça Barreto era ponto discutido a inepcia da traducção do sr. Visconde, regeitava-a pois com desdem; o que o surprehendeu, *e mais indignou*, foi o irrizorio attentado do sr. Visconde *censurando* Goethe e *corrigindo-o*.

Diz o sr. Vasconcellos: «Ha 13 annos em relação constante com a Allemanha, em communhão de ideias com os seus sabios, não podiamos ver, etc.»

Eu diria que a *communidade* com os sabios allemães leva por vezes o auctor do *Fausto de Goethe* mais longe de que póde ir quem preza a communidade litteraria em qualquer paiz, ainda mesmo no valle de Andorra, se a confraria litteraria portugueza não fosse excep-

ção tristissima, afora 3 ou 4 dos seus membros.

O auctor do *Fausto de Goethe* tracta com soberano desdem a pobre gente que não sabe allemão. Não faz bem.

Não faz bem, se dá licença, porque nos obriga, a nós, simples mortaes, a fazer alarde d'umas pobres cousas que sabemos e que o sr. Vasconcellos porventura olvidou; isto, deixando de parte a *lama de Baudelaire*, aquelle pobre Baudelaire de quem o sr. Camillo escreve o nome do seguinte modo:

BEAUDELLÉRE...

Dá-nos pois o sr. Vasconcellos uma lista das poucas obras francezas sobre Goethe, dignas de estima; o numero é limitado: cifra-se em Marmier e na *Philosophia de Goethe* de E. Caro.

E ahi está porque eu louvo o sr. Vasconcellos quando me aconselha a que não adore cegamente os idolos novos: se eu não fiquei em Caro! se eu, sem saber allemão, mas sabendo, como qualquer dos meus patricios, dois dedos de francez, d'aquella lingua do *Beaudellère* do sr.

Camillo, vi que a obra de E. Caro não é, como diz o sr. Vasconcellos, *digna de estima*, e só sim um atrevido plagiato ao livro de Blanchet [21]! se eu sabia que o auctor do *Mysticismo no 18° seculo* era, máo grado os Pontmartins, dado a forragear em ceara alheia, como o sr. Osorio de Vasconcellos! se eu perdera desde muito o mau sestro de acreditar na sapiencia humana pelo alarde de sabença!

Não prosigâmos...

. . . .

O que valem os criticos do sr. Castilho atacados pelo sr. Vasconcellos (alludo aos srs. Anthero, Chagas, Camillo e Pimentel) disse-o o silencio d'elles; isto afora dois esgares burlescos do nosso Balzac (sic) e d'uma cartinha do sr. Alberto Pimentel, o fecundo contador de mysterios e de diversas cousas sem sabor.

O *niente* arremeçado pelo sr. Vasconcellos a este ultimo não iria mal sobre as quatro eças litterarias!...

Resta-nos uma consolação ao cabo do espec-

[21] *Le Faust de Goethe; Strasbourg*, 1860.

taculo dolorozo a que assistimos; é que a inviolabilidade de Shakspeare será garantida pela triste e tardia retirada do sr. Visconde de Castilho.

. . . .

Fique em todo cazo estabelecido que não passa isto d'uma simples noticia, destinada a substituir as locaes, auzentes, da imprensa portugueza.

Nada mais.

XV. Ha um anno escrevia o auctor d'este livro as seguintes linhas:

«O sr. A. Osorio de Vasconcellos, illustre ornamento do partido reformista, redactor do *Jornal do Commercio*, deputado ás côrtes em diversas legislaturas, etc. etc., conservava-se affastado das lides scientificas, havia já bom par de mezes, quando um dia,—em setembro do corrente anno, salvo erro,—pensou sériamente ácerca da sua mysanthropia... scientifica, permittam...

Pensou que a luz não deslumbrava, por demasiada, n'estas cousas de *sciencia*, sem embar-

go d'uma sciencia ao alcance de todos, que por ahi precorre estancos e botequins; leu Vico e, pelos modos, o auctor da *Sciencia nova* aconselhou-o que fosse *sociavel*, seguindo o exemplo que nos vem dos tempos primitivos. Leu Grotius e Puffendorf, e achou ali animação á sociabilidade.

Animado... appareceu.

Appareceu, declarando que causas varias o conservaram affastado do campo onde se distinguira e que, livre finalmente de *multiplices negocios*, volvia aos trabalhos seus tão queridos.

Creio que foi isto que disse.

Depois: fallou em cousas scientificas, que não li por falta de tempo; fallou... quero dizer: escreveu um folhetim.

Isto passou-se em setembro. Até hoje—4 de novembro—não voltou o sr. Osorio de Vasconcellos á arena scientifica.

Perguntei ha dias a um ratão de bom gosto qual seria o motivo de tal silencio e obtive a seguinte resposta:

—Elle excava...

—Excava?!

—Sim... consulta...

—Consulta o quê?

—Ora... copía...

—Copía?!!!

—Sim, homem; imita, explora, traduz, etc.

—Traduz como, senhor?

—Oh maldicto! *plagía!* que mais queres?—plagía escandalosamente tudo o que lhe agrada: entendes? Queres comprehender melhor? agarra no «Almanach de Nicolau Tolentino» e vê a pag. 149: original francez d'um lado, traducção *portugueza* (?) do outro... L. Vaillant puro, meu amigo! Purissimo L. Vaillant! Aquelle Almeida!...

Eu fui, a correr, procurar o «Almanach de Nicolau Tolentino» abri-o a pag. 149 e vi... o que eu vi, Santo Deus!

Oh sciencia! Vico, escrevendo a sua grande obra, arremeçava um epigramma, com o titulo d'ella, aos sabios de botequim que em 1871 deviam germinar em Portugal.

Oh *Sciencia nova!* Oh patria do sr. de Bolama! Oh vertiginoso *cancan!!!*»

Isto é uma opinião convicta, embora um pou-

co jovialmente manifestada. Decerto importa pouco ao sr. Osorio de Vasconcellos a minha opinião; o que é certo—é que disse o que sentia e sinto. Não me deslumbrava, nem me deslumbra a sciencia de catalogo, como não me deslumbram a ornamentação palavroza, nem os artificios ou artimanhas de estylista balofo.

Veio isto a propozito de um pobre folhetim do sr. M. Pinheiro Chagas, inserto no *Jornal da Noite* de 11 do corrente e que tem por fim elevar ás nuvens um livro publicado pelo sr. Osorio de Vasconcellos, sob o titulo de *Batalhas Portuguezas*. Não importa o merito do livro para um simples reparo que vai aqui lavrado. Sabe-se apenas que o sr. Pinheiro Chagas fallou em *pedantes* e *ignorantes* a propozito dos srs. Ozorio e Theophilo Braga, e pergunta-se:—N'uma discussão sobre qualquer facto d'historia ou de litteratura, em que se achem envolvidos os nomes dos srs. Theophilo Braga, Pinheiro Chagas e Ozorio de Vasconcellos, sendo forçozo admittir a existencia de *pedantes* e *ignorantes*, qual dos trez homens de lettras tem jus a similhante classificação?

Appella-se para o *pudor* publico...

Note-se que não se discute aqui o Marquez das Minas, nem os erros de Filippe 5.º nem a impotencia de Berwick isolado em frente do general portuguez, nem o affastamento de Tessé, nem a cooperação de Galloway, amesquinhada pelo sr. Pinheiro Chagas na sua *Historia de Portugal, por uma sociedade d'homens de lettras;* o instincto publico vê aqui um mesquinho desforço *do exame das affirmações* do sr. Chagas pelo auctor da *Historia da Litteratura Portugueza,* e póde ver mais ainda...

Mas, a luz ha de fazer-se. Espera-se um folhetim do sr. Ozorio de Vasconcellos deprimindo Theophilo Braga e exaltando o sr. Pinheiro Chagas, a propozito de qualquer versão franceza. Chega-se a acreditar no fundo de verdade que ha na affirmação do sr. Anthero do Quental. «Nota-se na moderna geração litteraria uma pallidez de máo agouro» [22]. Vamos mais longe! Temos de acreditar na affirmação de Theophilo Braga: «Infelizmente ha mais do que pallidez;

[22] *Philosophia da Historia Litteraria.*

ha a desorganização precoce dos pomos d'Asphaltite![23]

. . . .

Já se vê que não ha a louca pretenção de cortar nós Phrygios n'este momento; fique tão ardua missão para outros mais dignos, se missão ha a cumprir. A espada de Alexandre quando brandida por... um Camillo, por exemplo, póde pelo menos, fazer surgir das ruinas da litteratura franceza o extranho typo de *Beaudellère.*

Mas, como a imprensa assiste impassivel aos desacatos dos velhos e dos moços, toma-se sobre os hombros o espinhozo encargo de reparar as suas faltas e corrigir os seus desleixos.

Nada mais.

XVI. Era em 1872.

Continuavamos a ser coherentes; os jornalistas do governo defendiam os espiões officiaes; o sr. *Camillo Castello Branco* chamava «ignorante» ao sr. Joaquim de Vasconcellos; o sr. Al-

[23] *Os Criticos da Historia da Litteratura Portugueza.*

berto Pimentel (?) *tambem* fallava do Fausto do sr. Castilho; o *Diario Illustrado* continuava a existir; a burguezia continuava a decifrar enigmas; o merceeiro ali do lado condemnava as *grèves;* a Parvonia era governada por um tal Fontes; o sr. Teixeira de Vasconcellos *fulminava* a Internacional; o sr. Castilho creava a *noute de S. João*—de Shakspeare; Vidal gemia; a *Nação* vociferava; adulava-se o *povo soberano;* existia Christovam de Sá; a sr.ª Emilia Adelaide passava de *terceira* a *segunda* actriz de D. Maria II, emquanto não era expulsa a actriz Virginia; fallava-se da sr.ª Emilia Adelaide a propozito da illustre EMILIA DAS NEVES; fallava-se do sr. Oliveira Martins a propozito de THEOPHILO BRAGA; prendia-se grande numero de sargentos; o duque de Saldanha era embaixador; o *barão do Zezere* reprezentava a *ordem;* eram lidos os romances do sr. Camillo; o sr. Biester fazia dramas; Vidal suspirava; o *feminino* fazia critica (...); no café Martinho espionava-se e havia pugilato; a gente do sr. Barão do Zezere era *logicamente* brutal, estupida, e dada a espancar mulheres; a gente do sr. D. Diogo de

Souza lia Vidal, amava, e era casta e meiga; discutia-se o padre Serrano.

Fervilhavam os *amigos do povo;* o sr. Camillo Castello Branco discutia o adulterio; fallava-se de BALZAC a propozito do sr. Camillo; os operarios começavam a acotovellar os seus *senhores;* fallava-se no *sympathico* Barão do Zezere para a solução do problema social; o sr. Ozorio de Vasconcellos era um sabio; o mesmo sabio escrevia *Ante-Christo* por *Anti-Christo;* a *Morgadinha* era uma obra prima; pullulavam os bachareis analphabetos; a Universidade *preferia* o *doutor Jardim* a THEOPHILO BRAGA; o droguista do lado defendia Fontes; a Parvonia lia folhetins medico-cirurgicos dos srs. Lino de Macedo e Cunha Vianna; o sr. Camillo insultava Swedenborg...

O sr. Pinheiro Chagas fallava em *canitos velhacos* e em *traducções ineptas,* deixando em paz os *canitos alvares* e os *originaes imbecis;* em certo conciliabulo do *elogio-mutuo* diziam-se cousas d'estas: — «É preciso esmagar estes vermes que vem roêr os calcanhares dos litteratos *já entrados...;»* preparava-se furioza reacção con-

tra a geração nova e insultava-se o primeiro vulto d'essa geração *porque sabia muito...;* exaltava-se o chefe da velha eschola *porque nada sabia...;* os moços d'esperanças continuavam... a dar esperanças; Vidal teimava em fazer versos; um sugeito militar chamava ao auctor da *Lenda dos Seculos* «o poeta dos ladrões;» o *Diario Illustrado* teimava em existir.

Condemnava-se as *grèves;* o sr. Mello e Faro era considerado um genio; o sr. Pereira de Miranda era uma gloria do paiz; depois do joven Lauro de Almeida, com o pó sabonatico, tinhamos o sr. *André* do Quental decifrando enigmas; o sr. Desforges *escrevia;* o sr. Guilherme Braga amava as creanças louras; o sr. Guilherme Braga jantava com o rei; o sr. Guilherme Braga recebia o habito de S. Thiago; Victor Hugo era um doido; Napoleão ex-*terceiro* era um *finorio;* Gambetta era um valdevinos; Castellar não passava d'um utopista; Garibaldi era um aventureiro; Guilherme da Prussia era um heroe; Portugal tinha um Moltke: o Barão do Rio Zezere, e dois Bismarks: Fontes e Antonio de Vizeu; o burguez chamava a Sebastião José de

Carvalho — *um despota*, e a José 1.º o imbecil, — *um grande rei;* o duque de Saldanha devorava hostias; Pio IX era um grande homem.

Um soldado *assassinava* um superior: pedia-se o *assassinato* do soldado; elogiava-se o padre Jacintho, catholico... quero dizer: — protestante... isto é: semi-catholico ou ultra-catholico; o nosso clero continuava a ser ultra-ignorante ou archi-prudente; dizia-se: as furias da *Nação*, a serenidade do *Diario de Noticias*, as inepcias do *Diario Illustrado;* o pobre Mr. Thiers, ex-victima de Alphonse Karr, era querido dos merceeiros da Parvonia; o *Primeiro de Janeiro* existia; Meyrelles não era um mytho; Vidal soluçava; os pequenos esperançozos buscavam alento no *cognac;* a Parvonia suspirava pelo *fim do mundo* ou *destruição dos folhetins de Mesquita;* os professores d'instrucção primaria pediam esmola; Fontes não era apedrejado.

Tudo isto se passava no anno de graça — 1872.

NOTA AO CAPITULO XIV

Pareceu a alguem que —o que fica dicto ácerca do trabalho do sr. Vasconcellos implica uma duvida pelo que toca á severidade do seu trabalho e, sobre tudo, á honestidade litteraria do auctor. Urge explicar isto.

A *noticia* sobre o livro do sr. Vasconcellos tem por fim *unico* — substituir, como já ficou dicto, as locaes (auzentes) da imprensa jornalistica; crê-se que vale, pelo menos, tanto como o *recebemos e agradecemos* e o *vamos lêr*.

Significa, mais, um protesto contra esse silencio, — a meu ver eloquentissimo; — bem como contra umas vagas insinuações que teem por pretexto a idade do sr. Vasconcellos, e por base a estupidez de quem as formula por incapacidade manifesta de comprehender o trabalho serio e consciencioso.

Sobre o trabalho de Goethe tenho prezentes as palavras de Vischer, que bom fora ao sr. Visconde de Castilho e aos seus pseudo-criticos terem decorado.

«Um poema póde ter por objecto certo estado da alma só comprehendido por aquelles que até certo ponto o experimentaram e dando-se este cazo apenas com aquelles que attingiram um determinado gráo de cultura intellectual. Assim, o *Fausto* de Goethe não póde ser comprehendido por quem nunca passou pela duvida philosophica e nunca meditou scientificamente sobre os altos problemas do pensamento.»

De resto, pareceu-me apenas que o sr. Vasconcellos foi cruel em demasia para com os desventurados que não conhecem o allemão. Nada mais.

Seja dicto isto para evitar regozijos, porventura fataes, a certas boas alminhas, em quem o máo caracter pleiteia com o acanhado do espirito.

FIM

INDICE

PUBLICAÇÕES DO MESMO AUCTOR

Questões do dia; evoluções historicas e sociaes......... 200

Sciencia e Consciencia: carta ao sr. Teixeira de Vasconcellos................................... 100

Farçadas Contemporaneas........................... 200

Novas Farçadas Contemporaneas.................... 200

Sobre a questão d'imprensa........................ 100

Theophilo Braga e os Criticos..................... 100

Á Hora da Lucta.................................... 400